

CRISE HUMANITÁRIA

UM ABRIGO EM AUTOCONSTRUÇÃO PARA REFUGIADOS E MIGRANTES



esad
arte+
design

TERESA MARIANA DIAS MARTINS
MESTRADO DESIGN DE INTERIORES | 2017

CRISE HUMANITÁRIA

UM ABRIGO EM AUTOCONSTRUÇÃO PARA REFUGIADOS E MIGRANTES

ORIENTADORA | PROF. MARIA MILANO



TERESA MARIANA DIAS MARTINS
MESTRADO DESIGN DE INTERIORES | 2017

Agradecimentos

A elaboração de uma dissertação é algo complexo que só se torna possível graças à presença de várias pessoas imprescindíveis, às quais gostaria de deixar o meu agradecimento.

Assim, quero agradecer à minha orientadora, a professora Maria Milano pela forma como orientou o meu trabalho. A sua transmissão de conhecimentos e a liberdade que me deu foram fundamentais para o meu desenvolvimento pessoal.

À professora Francesca de Filippi que me orientou quando tudo começou e permitiu que este trabalho fosse realizado em parceria com o curso de Arquitetura do Politécnico de Turim. Às minhas colegas Chiara Valzer e Veronica Bordieri pelo acompanhamento ao longo desta jornada. Não só pela partilha de conhecimentos, mas também pela partilha de um interesse comum em tentar mudar, por pouco que seja, a vida destas pessoas.

Agradeço aos meus pais que são o meu modelo de coragem e que sempre me deram confiança para realizar os meus sonhos, incutindo em mim a curiosidade e força de querer sempre mais e melhor na vida. Obrigada, sem vocês nada disto seria possível!

Ao Guilherme agradeço todo o apoio e compreensão. As horas intermináveis que se perderam e as palavras de força que se guardaram. Obrigada por ires comigo até ao fim do mundo!

Quero também agradecer ao meu irmão pela sua simplicidade em resolver problemas e à Marta por sempre acreditar em mim e por toda a ajuda que me deu ao longo do processo. Não posso também deixar de agradecer ao Miguel por ser o meu desbloqueio nas fases mais difíceis do projeto.

Por fim, quero agradecer à minha restante família e amigas pelos momentos de descontração que me permitiram fugir momentaneamente para outro lugar.

Resumo

A atual crise de refugiados e migrantes na Europa representa o momento humanitário mais crítico enfrentado no continente desde o final da segunda guerra mundial. Centenas de milhares de pessoas arriscam as suas vidas em travessias perigosas pelo mar, fugindo assim da guerra e da pobreza extrema dos seus países de origem e tentando a sua entrada na Europa sobretudo através da Itália ou da Grécia.

Neste contexto, o design social surge como ferramenta que permite o desenvolvimento de soluções sustentáveis que ajudam na melhoria de vida dos refugiados e migrantes facilitando todos os processos relacionados com a sua chegada a um novo país.

Definida a localização do espaço físico a ser trabalhado, no Porto de Augusta, na Sicília, e após o conhecimento de várias carências do local, o projeto surge como uma resposta social. Adaptável a outros espaços com as mesmas características, pretende promover o sentido comunitário e potenciar o bem-estar individual e coletivo, não só físico como psicológico.

Abstract

The refugee and migrant crisis that we're living in Europe represents the most critical humanitarian moment that the continent has faced since World War II. Hundreds of thousands of people risk their lives in dangerous sea journeys to escape from war and extreme poverty in their countries of origin, trying to enter Europe mainly through Italy and Greece.

Having in mind the entire context, social design comes across as an important tool that allows the development of sustainable solutions that can improve the quality of the migrants and refugees lives, and that way making all processes regarding their arrival a lot more easier.

After defining Port of Augusta, in Sicily, as the physical area to develop the project, and after acknowledging several needs there, this thesis represents a social answer. Adaptable to other shelters or hotspots with the same characteristics, it pretends to promote community spirit and improve physical and psychological well being.

Key Words: Social Design , Refugee, Migrant, Sustainability, Self-Construction, Shelter

Índice

Introdução	11
I CAPÍTULO - ENQUADRAMENTO	
1.1 Crise de refugiados e migrantes	17
1.2 Refugiados <i>versus</i> migrantes	21
1.3 O papel do ACNUR e outras ONG	23
II CAPÍTULO - ROTA DO MEDITERRÂNEO	
2.1 O caminho dos recém-chegados	35
2.1.1 O caso italiano	37
2.2 A resposta à situação de crise humanitária em Itália	39
2.2.1 Portos de acolhimento e hotspots: o Porto de Augusta	41
III CAPÍTULO – PROPOSTA PROJETUAL	
3.1 O Projeto	45
3.1.1 Objeto de estudo: Porto de Augusta	47
3.1.2 Caracterização do Público-Alvo	49
3.2 Solução Projetual	51
3.2.1 Referências	55
3.2.2 Proposta - Memória descritiva	57
Considerações Finais	70
Referências Bibliográficas	72
Lista de Imagens	76
Anexos	78

(...)os refugiados são, em primeiro lugar, seres humanos distintos e não um problema abstrato.

Sadako Ogata

Introdução

Atualmente vivemos uma conjuntura social extrema, onde nos últimos anos houve uma subida galopante dos índices de migração para a Europa. Só no ano de 2015 mais de um milhão de cidadãos provenientes, essencialmente, do Médio Oriente e África fugiram dos seus países em conflito e arriscaram as suas vidas em perigosas travessias marítimas e terrestres com o objetivo de conseguirem melhores condições de vida. Após viagens traumatizantes, acabam por ficar em espaços transitórios, sem capacidade de albergar um número tão grande de pessoas. Por este motivo, a preocupação em analisar espaços destinados a ajudar estes núcleos humanos mais fragilizados aumentou significativamente. Torna-se fundamental estudá-los e torná-los minimamente confortáveis, seguros e acessíveis a todos os indivíduos.

Assim, surge o Design Social e de Inclusão, associado ao Design de Interiores, que pretende esbater as desigualdades e eliminar abordagens pré-concebidas sobre os refugiados e migrantes. A sua transformação gradual e progressiva e a sua abrangência com outras disciplinas possibilitam uma nova abordagem do conceito, mais colaborativa. A evolução da sociedade, a introdução de novos materiais e a reutilização de outros com diferentes funções permitem criar obras únicas e adaptadas a cada espaço e a cada utilizador, potenciando estímulos positivos conferindo identidade às pessoas excluídas das representações “normalizadas”. Paralelamente, com o binómio atual de uma sociedade a sofrer uma crise humanitária mas consciente da premência em existir igualdade de direitos, começa a sentir-se um imperativo social em reorganizar espaços e soluções de inclusão para estas pessoas que fogem dos seus países em busca de uma vida melhor. É através desta lógica que o design consegue combater os impactos negativos que um espaço, quando não trabalhado, tem no ambiente e qualidade de vida das pessoas. Este combate, apesar de complexo e associado a outros fatores, torna-se o grande impulsionador deste projeto.

A abordagem referida define o objeto de estudo em reflexão: o Porto de Augusta, um espaço de acolhimento de refugiados e migrantes. Situado na costa da Sicília recebe milhares de pessoas chegadas de travessias marítimas longas, perigosas e em condições muito adversas. Apesar da participação de várias ONG que permitem uma primeira resposta a cuidados essenciais, o porto continua a apresentar várias carências em áreas comuns, o que torna o espaço ideal para uma intervenção projetual.

O projeto encontra-se dividido em três momentos centrais. O primeiro momento é direcionado para a fundamentação teórica. Esta fase inicial procura uma contextualização da crise de refugiados e migrantes que se vive atualmente na Europa. Caracterizam-se os refugiados, explicando quem realmente são. Por fim, procura-se também relacionar o papel da ACNUR e das ONG na resposta àquela que é considerada a grande crise humanitária do século XXI. O segundo momento corresponde a uma outra abordagem de contextualização. O objetivo passa por perceber a Rota do Mediterrâneo, desde o caminho marítimo que os refugiados e migrantes fazem para chegar à Europa até à resposta da Itália à crise humanitária em causa. Nesta fase realça-se a importância dos portos da Sicília, por uma questão de proximidade geográfica com o objeto de estudo. O terceiro momento foca-se na parte projetual, onde se começa por analisar o Porto de Augusta e as pessoas que lá chegam diariamente. O objetivo é perceber e relacionar dinâmicas, normas e rotinas para se conseguir apresentar uma solução projetual que dê resposta às necessidades encontradas. Em seguida, apresenta-se a solução projetual e todo o seu processo de evolução.

O desenvolvimento de uma solução projectual inclusiva que permita que todos consigam ter identidade própria é um dos grandes objectivos deste trabalho de investigação. Pretende-se estimular a criatividade através de novas formas de pensar um espaço de acolhimento, sem esquecer os princípios básicos e gerais do porto de Augusta. O objetivo passa por projetar no espaço uma esperança de uma vida melhor e mais justa, ainda que numa pequena escala e tendo em conta todas as dificuldades que os recém-chegados passaram e continuam a viver.

A versatilidade do Design enquanto disciplina que se pode interligar a várias outras permite pensar este projeto de uma forma não isolada, ou seja, não pretende resolver um nicho de um problema específico atual. Vê-se como um todo polivalente onde é imperativo conseguir projetar no espaço uma esperança de uma vida melhor e mais justa. A realização do projeto está assente no conceito de autoconstrução. Nessa ótica, pretende-se a utilização de materiais de fácil acesso físico, muitas vezes resultado de desperdícios de outros setores de atividade e que podem ser reutilizados, tornando a sua aquisição mais barata ou até mesmo gratuita. Ainda na escolha de materiais, pretende-se que possam ser ergonómicos, de aplicação simples e que sejam totalmente seguros, sem necessidade de recorrer a profissionais durante o processo de construção. A autoconstrução surge ainda como um garante de processos de partilha, de construção em comunidade para promover sentimentos de pertença entre todos os agentes. Este projeto, do ponto de vista teórico e prático, desenvolve-se também sob a égide de partilha de conhecimento. A relação com as alunas Chiara Valzer e Veronica Bordieri, ambas a concluir o curso de Arquitetura no Politécnico de Turim, trouxe mais-valias para este trabalho, sobretudo em tudo o que concerne o “caso italiano”. Mais do que partilha de informação, é uma comunhão de interesses e um objetivo comum de contribuir para uma vida melhor de todos os migrantes que entram no Porto de Augusta. Do ponto de vista da construção, pretende-se uma implementação efetiva deste projeto, onde parcerias com universidades e empresas na Sicília podem ter um papel fundamental.



I CAPITULO - ENQUADRAMENTO

1.1 Crise de refugiados e migrantes

É um fenómeno que está a marcar inevitavelmente o século em que vivemos. A crise de refugiados e migrantes dos últimos anos é uma realidade capaz de abalar o mundo tal como o conhecemos. Instituições aparentemente indestrutíveis como a União Europeia são postas em causa todos os dias com consequências imprevisíveis como o conhecido *Brexit*¹, onde a campanha contra estes cidadãos teve grande influência na decisão final da população. Associados a realidades extremas, muitas vezes acusados de potenciadores do terrorismo na Europa, os refugiados e migrantes estão no olho do furacão, sem que muitas vezes tenham essa noção, na luta diária pela sobrevivência. A solução continua por encontrar e a cada dia que passa morrem centenas de pessoas em alto mar na busca incessante de um asilo que lhes permita abandonar os seus países de origem, muitas vezes devastados pela guerra como é o caso da Síria. A tensão geopolítica, com o conflito entre a Grécia e a Turquia e o caso Húngaro como principais focos, levou em Fevereiro do ano passado a uma intervenção da NATO.

Vamos participar no esforço internacional de terminar com o tráfico e migração ilegais no Mar Egeu. Porque esta crise nos afeta todos. (...) A crise dos refugiados e migrantes é uma tragédia humanitária. É um desafio complexo e requer que todos trabalhem para encontrar soluções. A NATO vai fazer a sua parte (NATO,2016, tradução livre).²

Importa responder a importantes perguntas que nos vão ajudar a definir e enquadrar a realidade atual. De onde vêm os migrantes? Os refugiados e migrantes são originários sobretudo de países em conflito, sempre associados a contextos de violência, abusos e pobreza. A sua travessia para chegar a Europa pode ser feita por terra ou pelo mar. Na rota terrestre a Turquia tem-se revelado a principal porta de entrada do continente, embora o objetivo principal passe por chegar a países mais estruturados para começar uma nova vida, como é o caso da Alemanha. No entanto, a esmagadora maioria faz a travessia pelo Mar Mediterrâneo, com a Grécia, a Itália e a Espanha, embora em muito menor escala, a surgirem como inevitáveis pontos de chegada ao velho continente. Em 2015, a Grécia destacou-se com quase um milhão de refugiados. Além desta Rota do Mediterrâneo, existe também a chamada Rota dos Balcãs, também com a Grécia como destino final, e com as partidas a serem feitas de países como a Turquia, Tunísia ou Líbia. As vias marítimas representam a clara maioria das chegadas à Europa nos últimos anos. (BBC, 2016).³ Aqui não podemos deixar de referir as trágicas consequências das jornadas em alto mar. 2016 foi o ano mais mortífero de sempre. Só no Mediterrâneo morreram 5022 pessoas (no ano anterior foram registadas 3777 mortes) (UNHCR, 2017).⁴

Os recém chegados vêm de vários países e há padrões claros de nacionalidades nos países de chegada. Na Grécia a grande maioria provem do Afeganistão, Iraque e sobretudo Síria, que vive um desolador estado de guerra há vários anos entre o regime de Bashar Al Assad e o autoproclamado Estado Islâmico. Em Itália destacam-se a Nigéria e Eritreia, países em constante contexto de violência e de guerra civil, onde direitos humanos básicos e fundamentais não são respeitados. Em Espanha destacam-se pequenas minorias de nacionalidades variadas (UNHCR, 2017).⁵ Numa declaração de António Guterres, atual Secretário-Geral da ONU e, à data, Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, o problema foi abordado de forma direta.

Isto não é só um fenómeno migratório, é uma crise de refugiados. A grande maioria dos que chegam à Grécia vêm de zonas de guerra como a Síria, o Iraque e o Afeganistão e estão simplesmente a tentar salvar as suas vidas. Todos os que estão em fuga sob estas circunstâncias trágicas merecem ver os seus direitos humanos fundamentais respeitados na íntegra, independentemente do estatuto legal (Guterres, 2016, tradução livre).⁶



Imagem 3: Gupo de refugiados e migrantes cercado em fronteira.



Imagem 4: Destruição causada pela guerra na Síria.

¹ *Brexit* A saída do Reino Unido da União Europeia.

² NATO (2016). *Statement*. Retirado em Fevereiro 4, 2017 de http://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_128372.htm.

³ BBC (2016). *Migrant crisis: migration to Europe explained in seven charts*. Retirado em Janeiro 20, 2017 de <http://www.bbc.com/news/world-europe-34131911>.

⁴ UNHCR (2017). *Mediterranean: dead and missing at sea*. Retirado em Fevereiro 5, 2017 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/regional.php>.

⁵ UNHCR (2017). *Refugees & migrants sea arrivals in Europe*. Retirado em Fevereiro 5, 2017 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/regional.php>.

⁶ Guterres, A. (2016). *Statement by UN High Commissioner for Refugees, António Guterres on refugee crisis in Europe*. Retirado em Fevereiro 4, 2017 de <http://www.unhcr.org/news/press/2015/9/55e9459f6/statement-un-high-commissioner-refugees-antonio-guterres-refugee-crisis.html>.



Imagem 5: Mapa representativo das rotas terrestres e marítimas dos refugiados e migrantes

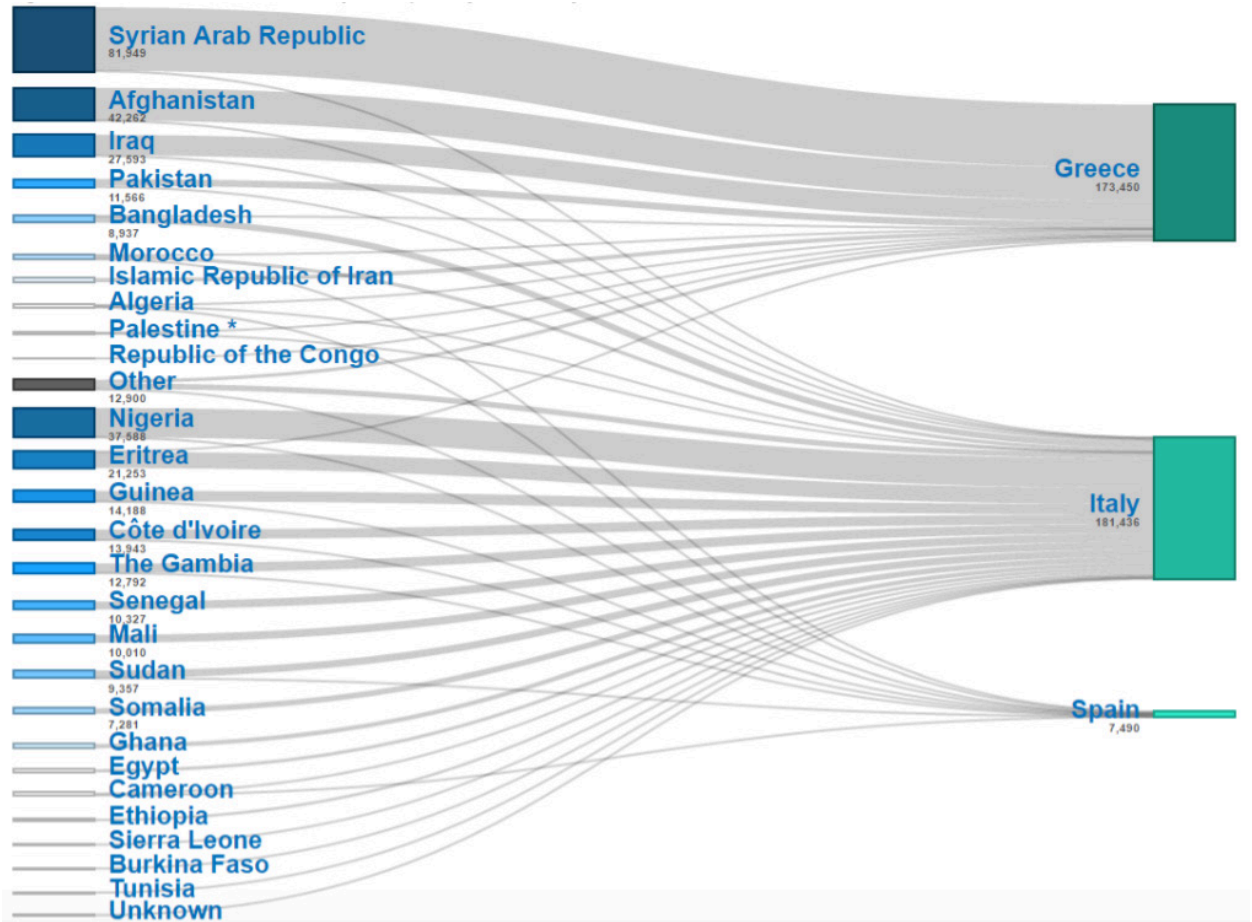


Imagem 6: Gráfico com as nacionalidades dos recém-chegados à Grécia, Itália e Espanha. Fonte: UNHCR.

E para onde vão e querem ir os migrantes? Embora a Grécia e a Itália sejam conhecidas portas de entrada, quando nos referimos especificamente aos pedidos de asilo, os protagonistas são outros. Só em 2015 a Alemanha contava com praticamente 500 mil pedidos de asilo. E essas foram apenas as aplicações oficiais e aprovadas, uma vez que o país germânico contabilizou um número de potenciais candidatos superior a um milhão. Segue-se a Hungria, cujo caso se tem notabilizado sobretudo pelas medidas extremas do seu Primeiro-Ministro Viktor Orban que fechou com cercas as fronteiras do país para impedir a entrada de mais migrantes. Números apontados pela BBC ⁷ falam na Hungria como o segundo país com mais pedidos de asilo, com cerca de 177.130 candidaturas em 2015. Como veremos ao longo da tese, a Grécia e a Itália, país escolhido para a realização do projeto desta tese, são os mais afetados pela chegada de refugiados (BBC, 2016).⁸ No final de 2015 foram contabilizados 65,3 milhões de deslocados em todo o mundo. É um valor 10% superior ao ano anterior e traz-nos uma dura mas factual realidade: há 24 novos deslocados a cada minuto que passa (Davis, 2016).⁹ Já em 2016, o dia 20 de Junho ficará marcado pelo relatório do ACNUR¹⁰ onde se revelou que o número de migrantes e deslocados no mundo atingiu o nível mais alto de sempre, superando os valores até então recorde da Segunda Guerra Mundial. A crise de migrantes, que cada vez mais é uma crise europeia, só poderá ser resolvida com base nos valores que levaram à fundação da própria instituição: a União Europeia.

Nenhum país pode responder à crise sozinho, e nenhuma nação pode recusar fazer a sua parte (...) Este é um momento chave para a União Europeia que não tem outra escolha senão mobilizar todas as suas forças em redor desta crise. A única forma de resolver este problema é através de um estratégia comum fundada em valores de responsabilidade, solidariedade e confiança (Guterres, 2016, tradução livre).¹¹

⁷ BBC é uma emissora pública de televisão e rádio no Reino Unido.

⁸ Obra cit., nota 3.

⁹ Davis, A. (2016). *2016: a look at Europe's ongoing migrant crisis*. Retirado em Janeiro 20, 2017 de <http://www.france24.com/en/20161222-2016-year-europe-ongoing-migrant-crisis>.

¹⁰ A sigla ACNUR em português (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) corresponde a um órgão das Nações Unidas criado a 14 de Dezembro de 1950 sob a necessidade de criar um organismo que ajudasse os refugiados.

¹¹ Obra cit., nota 6.

1.2 Refugiados *versus* migrantes

Quando procuramos uma definição exata do que é um refugiado encontramos no primeiro artigo da Convenção de Genebra de 1951¹² que é alguém que

(...)receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a protecção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar (GDGC).¹³

É então com a Convenção de Genebra de 1951 que se estabelece a definição universal de refugiado e todos os seus direitos e deveres. Segundo este documento, os refugiados têm não só o direito de asilo em segurança, mas também outros direitos civis básicos como a liberdade de pensamento e direitos económicos e sociais como o direito a assistência médica, direito ao trabalho para quem atingiu a maioridade e direito à escolarização para as crianças (ACNUR).¹⁴ Outro direito fundamental que serve de base da Convenção é o princípio de não devolução. Isto é, os refugiados não devem ser expulsos ou devolvidos a países onde a sua vida ou liberdade corra riscos (ACNUR, 2016).¹⁵ Para além de direitos, existem também deveres a cumprir. Os refugiados têm o dever de respeitar as leis do seu país de asilo. Refira-se ainda que embora uma pessoa que fuja de conflitos, violência ou outros motivos que a façam necessitar de proteção internacional, seja considerada refugiado; sem que haja algum procedimento legal, é necessário que os governos avancem com o processo para que tudo seja legalizado e que os indivíduos possam usufruir dos seus direitos. Por sua vez, o ACNUR trabalha em parceria com os governos agilizando o processo com a legislação de asilo e a proteção dos refugiados. Os refugiados não têm a proteção dos seus países, por isso é crucial solicitarem proteção internacional. Apesar da Declaração Universal dos Direitos Humanos referir o direito de todos a procurar asilo, só com a Convenção de 1951 o ACNUR conseguiu passar a controlar a execução desse direito. (ACNUR, 2016).¹⁶

Ainda que muitos órgãos de comunicação social utilizem o termo refugiado e migrante sem distinção, é importante referir que um refugiado e um migrante são diferentes juridicamente. “Os países tratam os migrantes de acordo com sua própria legislação e procedimentos em matéria de imigração, enquanto tratam os refugiados aplicando normas sobre refúgio e a proteção dos refugiados - definidas tanto em leis nacionais como no direito internacional” (Edwards, 2015).¹⁷ Assim, apesar de não haver uma definição jurídica do que é um migrante, sabe-se que é sempre um processo voluntário de alguém que procura melhores oportunidades económicas. Ou seja, quando nos referimos aos milhares de pessoas que chegam à Grécia ou Itália na travessia do mediterrâneo, não podemos nomeá-los apenas migrantes ou refugiados. Há, de facto quem precise de proteção internacional, mas há também outras pessoas que se preocupam unicamente com questões económicas. Por este motivo, devemos usar a expressão “ “refugiados e migrantes” quando nos referimos ao deslocamento de pessoas por mar ou em outras circunstâncias, onde acreditamos que ambos os grupos possam estar presentes” (Edwards, 2015).¹⁸



Imagem 7: Com o encerramento de algumas fronteiras alguns refugiados e migrantes vêem a sua entrada na Europa em risco.

¹² A Convenção de Genebra 1951 foi organizada pelo ACNUR (um ano depois da sua existência) para coordenar um documento que definisse o que é um refugiado e estabelecesse os seus direitos e deveres. Inicialmente estava circunscrito a refugiados europeus. Mais tarde expandiu-se para todo o mundo.

¹³ GDGC (s.d.). *Convenção relativa aos direitos dos refugiados*. Retirado em Setembro 22, 2016 de <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dr-conv-estatuto-refugiados.html>.

¹⁴ ACNUR (s.d.). *Quién es un refugiado?*. Retirado em Setembro 22, 2016 de <http://www.acnur.org/a-quien-ayuda/refugiados/quien-es-un-refugiado/>.

¹⁵ ACNUR (2016). *Preguntas más frecuentes sobre 'refugiados' y 'migrantes'*. Retirado em Novembro 3, 2016 de <http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/BDL/2016/10310>.

¹⁶ Obra cit., nota 15.

¹⁷ Edwards, A. (2015). *Refugiado ou migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto*. Retirado em Outubro 10, 2016 de <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>.

¹⁸ Obra cit., nota 17.

1.3 O papel do ACNUR e outras ONG

Quando os refugiados atravessam pela primeira vez as fronteiras para outros países e os pormenores de atrocidades são revelados há, de início, uma enorme vaga de simpatia pública pela sua situação difícil. Mas, quando esta gota de refugiados se transforma numa enchente e passam a estar envolvidas centenas de milhares ou milhões de pessoas, erguem-se barreiras (Trier, 1994, p.18).¹⁹

É no momento em que os refugiados começam a chegar em massa que passam a constituir uma crise e é aí que o papel do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados se torna particularmente premente. A organização é uma célula crucial das Nações Unidas e tem como principal missão “assegurar os direitos e o bem-estar dos refugiados” e “garantir que qualquer pessoa possa exercer o direito de buscar e gozar de refúgio seguro em outro país” (ACNUR).²⁰ Resultado de uma resolução da Assembleia-Geral das Nações Unidas a 14 de Dezembro de 1950 só iniciou atividade no ano seguinte. Começou com um mandato de três anos para participar ativamente no acolhimento e realojamento de milhares de refugiados europeus que viram os seus lares destruídos pela II Guerra Mundial. Mas os três anos transformaram-se em 62, com ação efetiva em todo o mundo (Trier, 1994).²¹

O ACNUR guia a sua ação pelo estatuto alcançado na Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951 supracitada neste trabalho. É nos direitos fundamentais dos refugiados que se constitui o quadro essencial das atividades humanitárias do ACNUR. O Alto Comissariado rege-se pela imparcialidade, ou seja, sem distinção de raça, sexo, religião ou opinião política. No entanto a missão da instituição admite uma atenção especial às necessidades das crianças e das mulheres. Uma vez determinado que as pessoas que procuram asilo são refugiados indicados para receber a proteção do ACNUR, este começa a procurar soluções a longo prazo ao mesmo tempo que trabalha no terreno. Normalmente, existem três soluções que se evidenciam. A primeira, e a prioritária, é a repatriação. Ou seja, pretende que os refugiados regressem de sua vontade ao país de origem, quando for seguro fazê-lo. Caso seja possível avançar com esta solução, cabe ao ACNUR ajuda-los a regressar à comunidade de onde saíram. A segunda passa pela integração no país de acolhimento. A última solução prevista na ação do ACNUR passa pela reinstalação num país terceiro, mediante acordos governamentais (Trier, 1994).²² A história tem provado a dificuldade desta última medida, embora muitos países como Portugal tenham demonstrado recentemente uma voz ativa na disponibilidade de receber no seu território refugiados que estão em trânsito sobretudo na Itália e na Grécia. Qualquer uma das soluções requer vontade política capaz de ultrapassar a burocracia inerente aos processos que demoram sempre meses a estar resolvidos. Há, por isso, muito trabalho no terreno e é aqui que se torna fundamental o apoio de outras ONG ao ACNUR.

Estas desempenham funções especializadas e possuem conhecimentos profundos de cada situação e estão muitas vezes envolvidas em todas as fases de uma operação do ACNUR. Põem os planos do ACNUR em prática. Ajudam com o auxílio básico em situações de emergência, dando conselhos, organizando programas de educação e aprendizagem e cuidados de saúde, e estabelecendo projetos que originam oportunidades para os refugiados ganharem dividendo. Também ajudam na administração da vida da comunidade em geral (Trier, 1994, p.28).²³

É a partir deste pressuposto que se passam a analisar algumas das mais relevantes ONG que desempenham um papel que tem tanto de complementar como de fundamental, em conjunto com as Nações Unidas.



Imagem 8: Abrigos da ACNUR multiplicaram-se nos últimos anos.

¹⁹ Trier, J. (1994). *Alto comissariado das Nações Unidas para os refugiados*. Reino Unido: Exley Publications.

²⁰ ACNUR (s.d.). *A missão do ACNUR*. Retirado em Outubro 31, 2016 de <http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/a-missao-do-acnur/>.

²¹ Obra cit., nota 19.

²² Obra cit., nota 19.

²³ Obra cit., nota 19.

Save the Children

Cerca de metade dos 19,5 milhões de refugiados registados em todo o mundo são jovens e crianças. O número está a crescer de forma dramática, resultado do escalar da violência, perseguições e guerras que afetam populações inteiras em vários pontos do globo. Famílias inteiras e crianças sós fogem dos conflitos para embarcar em perigosas jornadas. Muitas estão esperanças numa vida melhor e num abrigo que as proteja. Mas enquanto viajam, estão extremamente vulneráveis (Save the Children, tradução livre).²⁴

Como o nome indica, a Save the Children centra a sua ação nas crianças e foi fundada há praticamente um século. Corria o ano de 1919 quando Eglantyne Jebb criou a organização como resposta à fome e devastação provocadas pela I Guerra Mundial (Save the Children).²⁵ Além do acompanhamento nas duas grandes guerras, o trabalho da Save the Children nas grandes catástrofes naturais como a que aconteceu em Port-au-Prince no Haiti, em 2010 onde se registaram mais de 500 mil vítimas e milhões de sobreviventes em carência extrema, foi globalmente reconhecido.

No que concerne a realidade em que se debruça este trabalho, a ONG trabalha no terreno em todas as fases do percurso dos refugiados e migrantes. Tem operacionais em alto mar na busca e salvamento. Aí, estima a Save the Children que foram resgatadas cerca de 20.000 pessoas num espaço de 15 meses (Save the Children, 2016).²⁶ Em Itália, a organização garante estar a intensificar atividade desde 2008. Operando sobretudo nas fronteiras a sul do país, pontos de chegada da Rota do Mediterrâneo, foram instalados espaços desenhados especialmente para crianças que projetem um ambiente seguro para que possam brincar e socializar, ao mesmo tempo que se tentam curar ou minimizar os níveis de ansiedade traumática dos episódios vividos pelos mais jovens. Essa resposta é garantida pelo *staff* de emergência da ONG, que apoia ainda refugiados situados em cidades como Roma e Milão, normalmente nas estações de comboio (Save the Children).²⁷

Do trabalho de anos, resultou um relatório intitulado de “Forced to Flee — Inside the 21st Largest Country”²⁸ que abalou o mundo inteiro com números e fatos chocantes que têm garantido mais apoio governamental à instituição, mas também uma campanha de angariação de fundos bem sucedida e que está a impulsionar a ação da Save the Children. Os objetivos da ONG são ambiciosos: garantir que todas as crianças refugiadas e migrantes têm direito a uma educação equitativa às demais do país de acolhimento até 2018 e assegurar desde já que a educação chega aos abrigos no máximo até 30 dias depois da chegada dos refugiados e migrantes; potenciar oportunidades de trabalho para a comunidade de forma a acelerar a sua integração; incluir os migrantes e refugiados em programas de desenvolvimento nacional básico dos países de acolhimento como a saúde, entre outras medidas estipuladas no chamado “Novo Acordo” para os refugiados e migrantes (Save the Children, 2016).²⁹

A Save the Children acredita que cada criança merece um futuro. Em todo o mundo, trabalhamos todos os dias para garantir às crianças um recomeço saudável, a oportunidade de ter acesso à educação e proteção dos perigos que as rodeiam. Quando uma crise ataca, as crianças são sempre as mais vulneráveis e por isso somos os primeiros a responder e os últimos a sair. Garantimos às crianças as condições fundamentais e damos voz aos seus anseios. Obtemos resultados concretos em milhões de crianças, mesmo às mais difíceis de chegar. Fazemos tudo o que for necessário pelas crianças, todos os dias e em momentos de crise, transformando as suas vidas por um futuro melhor que partilhamos com elas” (Save the Children, 2016, p.16, tradução livre).³⁰



Imagem 9: Voluntário da Save the Children em ação.

²⁴ Save the Children (s.d.). *Refugee children Crisis*. Retirado em Outubro 14, 2016 de http://www.savethechildren.org/site/c.8rKLIXMGlpI4E/b.9311443/k.5C24/Refugee_Children_Crisis.htm?msource=weklprcr1115.

²⁵ Save the Children (s.d.). *History*. Retirado em Outubro 14, 2016 de <http://www.savethechildren.org/site/c.8rKLIXMGlpI4E/b.6229507/k.C571/History.htm>.

²⁶ Save the Children (2016). *Search, rescue, save*. Retirado em Novembro 3, 2016 de <https://savethechildreninternational.exposure.co/search-rescue-save>.

²⁷ Obra cit., nota 24.

²⁸ Relatório escrito pela Save the Children que faz uma análise real à crise de refugiados e migrantes, vendo-os como o vigésimo primeiro maior país do mundo (caso todos estivessem vivessem no mesmo espaço).

²⁹ Save the Children (2016). *Forced to flee Inside the 21st largest country*. Retirado em Outubro 1, 2016 de http://www.savethechildren.org/atf/ct/%7B9def2ebe-10ae-432c-9bd0-df91d2eba74a%7D/FORCED_TO_FLEE.PDF.

³⁰ Obra cit., nota 29.



Imagem 10: O auxílio das ONG também passa por acarinhar as crianças que chegam muitas das vezes sem acompanhamento de nenhum familiar.



Imagem 11: Equipe da Cruz Vermelha a assistir um grupo de refugiados e migrantes que chegaram num barco.

Médicos Sem Fronteiras

Num registo quase diário, há salvamentos a acontecer na Rota do Mediterrâneo. Entre várias ONG os Médicos Sem Fronteiras (MSF) coordenam o programa SAR ³¹(Search and Rescue) que substitui a operação Mare Nostrum liderada até então pela marinha italiana que consistia no salvamento de pessoas que faziam a travessia marítima. Em 2015, as equipas dos MSF assistiram mais de 23 mil refugiados e migrantes em perigo de vida em 120 operações de salvamento. Segundo relatórios dos MSF, muitos refugiados e migrantes chegam desidratados ou com sintomas de asfixia, derivadas do excessivo número de pessoas que são transportadas nos barcos. Para além disso, costumam tratar queimaduras causadas por fugas de combustíveis e ainda infeções resultantes de abusos sexuais. Os dados mais recentes relativos ao ano de 2016 confirmam os números globais que o ACNUR já previa: um crescimento dos movimentos migratórios na Itália. Só no mês de Março foram resgatadas 9200 pessoas em alto-mar (quatro vezes mais do que no mesmo período no ano anterior). Nas operações SAR a decorrer no mediterrâneo, importa referir o papel da ONG Migrant Offshore Aid Station³² (MOAS) que tem estado lado a lado com os MSF nos vários salvamentos registados (Médicins Sans Fronteires, 2015).³³

Os principais portos de chegada são Augusta, Pozzallo, Palermo, Reggio Calabria e Lampedusa. O sistema de receção a refugiados e migrantes em Itália sofre de sérias insuficiências como resultado da falta de vontade política para gerir novas chegadas. O acesso à assistência humanitária e proteção internacional para os carenciados não está de todo garantido (Médicins Sans Fronteires, 2015, p.57, tradução livre).³⁴

Para além dos problemas que tentam resolver ainda em alto mar e para fazer face aos problemas detetados nos principais portos de chegada em Itália, os MSF revelam com números concretos de assistência médica, com mais de 9400 consultas em terra em 2015. Nas doenças físicas, evidenciam-se a tuberculose, lesões traumáticas, infeções respiratórias e problemas dermatológicos. Também problemas do foro mental foram e estão a ser detetados e tratados, e aqui os quadros mais visíveis passam pelo stress pós-traumático, depressões e outras alterações mentais. Os MSF estão ainda a apostar no reforço de profissionais de psicologia e mediadores culturais para atenuar o choque da chegada após travessias traumatizantes e evitar que se escalem situações de aflição (Médicins Sans Fronteires, 2015).³⁵

Cruz Vermelha Internacional

Paralelamente ao programa SAR, entre os Médicos Sem Fronteiras e outras ONG, a Cruz Vermelha italiana também providencia assistência humanitária aos migrantes que chegam em barcos sobretudo ao largo da costa da Sicília, Puglia e Calabria. Retirar os migrantes das embarcações sobrelotadas em delicadas operações de salvamento é a primeira fase de intervenção aos refugiados e migrantes, numa operação denominada como Projeto Praesidium.³⁶

³¹ Programa iniciado em 2015 entre os MSF e outras organizações com o objetivo de reduzir as mortes no mar mediterrâneo e conseguir prestar cuidados básicos aos sobreviventes dessa jornada. Este programa vem substituir o Mare Nostrum que era uma operação com o mesmo objetivo realizada pela marinha italiana.

³² Organização que começou a fazer resgates na rota do Mediterrâneo em 2014. Tem barcos de apoio e faz ligações com vários Portos, principalmente com o Porto de Augusta e de Pozzallo.

³³ Médicins Sans Frontières (2015). *International activity report 2015*. Retirado em Outubro 14, 2016 de http://www.msf.org/sites/msf.org/files/international_activity_report_2015_en_2nd_ed_0.pdf.

³⁴ Obra cit., nota 33.

³⁵ Obra cit., nota 33.

³⁶ Focado na relação do ACNUR com a Organização Internacional para a Migração (OIM), a Save The Children e a Cruz Vermelha Italiana, o projeto, que arrancou em Março de 2006 foi concebido para contribuir para a criação de um sistema de receção e proteção para quem procura asilo e para migrantes que chegam por via marítima ao sul de Itália. Inicialmente focado na ilha de Lampedusa, ponto de desembarque para a maioria dos recém-chegados, estendeu-se depois à Sicília e outros pontos da Itália continental” (Tennant & Janz, 2009, p.1, tradução livre).

Neste projeto partilhado por várias ONG a Cruz Vermelha tem, desde logo, a missão de providenciar informação nos planos social e de saúde para os recém-chegados, ao mesmo tempo que se determinam os mais vulneráveis para um apoio emergente. Compete ainda à Cruz Vermelha fazer um rastreio dos vários desaparecidos na rota do mediterrâneo, com o objetivo de estabelecer os laços familiares entre refugiados e migrantes forçados a separar-se ainda antes da jornada (Red Cross E.U. Office, 2013).³⁷

Além dos já citados propósitos da Cruz Vermelha partilhados por várias outras ONG, importa destacar um ponto de ação desta organização que se afigura mais exclusivo: o apoio a migrantes detidos pelas autoridades.

Em Itália, os migrantes e refugiados que aguardam ordem de deportação ou pendentes de serem repatriados ficam detidos em Centros de Identificação e Expulsão (CIE) geridos pelas autoridades de estado. A Cruz Vermelha italiana visita regularmente esses centros e providencia roupas, material de higiene e outros bens essenciais, bem como assistência legal, apoio psicológico e orientação para o retorno, seja voluntário ou assistido (Red Cross E.U Office, 2013, p.6, tradução livre).³⁸

Cientes das dificuldades e barreiras burocráticas impostas logo à chegada, a Cruz Vermelha dedica várias horas à formação do seu pessoal e voluntários. Leis humanitárias fundamentais, legislação específica sobre refugiados e exilados, administração de cuidados físicos e psicológicos são alguns dos ensinamentos que “possibilitam que delegações da Cruz Vermelha desenvolvam as suas capacidades de identificação e resposta às vulnerabilidades e lacunas de saúde nos seus territórios” (Red Cross E.U. Office, 2013, p.5, tradução livre).³⁹

Organização Internacional para a Migração

Parte integrante do Projeto Praesidium, a Organização Internacional para a Migração (OIM) assume um papel fundamental na coordenação estratégica e operacional entre os países da Rota do Mediterrâneo, tendo mesmo sido eleita para liderar o recém-criado Gabinete de Coordenação para o Mediterrâneo.

As atividades cobrem diversas áreas de intervenção como a cooperação técnica, operação anti-tráfico humano e assistência às vítimas. Os vetores passam pela migração e desenvolvimento, migração laboral e assistência para o retorno voluntário dos migrantes, nomeadamente com ações facilitadoras de reunião familiar nos países de origem através de testes de ADN (IOM, 2014, tradução livre).⁴⁰

No entanto, a OIM evidencia-se pelo trabalho de retaguarda com sessões de esclarecimento públicas que ajudam a compreender o fenómeno da migração e na prevenção de doenças para evitar quaisquer focos iniciais de potenciais epidemias. Um aspeto fundamental na integração dos migrantes e refugiados dentro dos países de acolhimento assume especial preponderância na OIM: a entrada no mercado de trabalho. Entre as iniciativas levadas a cabo por esta organização estão “informações sobre as áreas e setores que oferecem oportunidades de emprego, registo e pré-seleção de candidatos ao mercado de trabalho dentro da comunidade, suporte e assistência técnica às autoridades locais e responsáveis pelo recrutamento nos países de acolhimento” e ainda “o desenvolvimento de competências inerentes dos migrantes necessárias ao ingresso no mundo laboral como o domínio da língua e orientações cívicas e culturais para uma maior integração”. Com várias políticas de integração, o OIM assume o estatuto de mediador intercultural no complexo contexto que se vive à escala global (IOM, tradução livre).⁴¹



Imagem 12: Resgate de crianças.

³⁷ Red Cross E.U. Office (2013). *Mapping of the migration activities of European National Red Cross Societies 2012-2013 update*. Retirado em Novembro 3, 2016 de http://redcross.eu/en/upload/documents/pdf/2013/Migration/ITALY_mapping_FINAL_10.2013.pdf.

³⁸ Obra cit., nota 37.

³⁹ Obra cit., nota 37.

⁴⁰ IOM (2014). *IOM in Italy*. Retirado em Outubro 13, 2016 de <http://www.iom.int/countries/italy>.

⁴¹ IOM (s.d.). *Migrazione e integrazione socio-economica*. Retirado em Novembro 3, 2016 de <http://www.italy.iom.int/it/aree-di-attivita/migrazione-e-lavoro>.

Terre des Hommes

A organização Terre des Hommes (TDH) foi fundada em 1960 por Edmund Kaiser. Assente no princípio de construção de um mundo melhor, tem o seu principal foco na ajuda humanitária às crianças. A Terre des Hommes é uma organização que orienta o seu trabalho pela Convenção Sobre os Direitos da Criança e que implementa projetos que permitam às crianças crescerem sem qualquer tipo de discriminação.

Por mais de 50 anos, a TDH tem ajudado centenas de milhares de crianças para lhes permitir exercer o seu direito a uma vida decente. Foram providenciados cuidados de saúde, educação, meios de vida e proteção contra abuso, exploração e violência (Terre des Hommes).⁴²

Atualmente a trabalhar em vários pontos de abrigo e em diversas fases do processo de acolhimento em Itália, a ação da Terre des Hommes não passa apenas por intervir em carências físicas como a alimentação e os primeiros-socorros. O seu propósito vai mais além e pretende ajudar as crianças do ponto de vista psicológico, sociológico e cultural, revelando-se essencial na superação de vários traumas passados e numa melhor adaptação a uma nova vida.

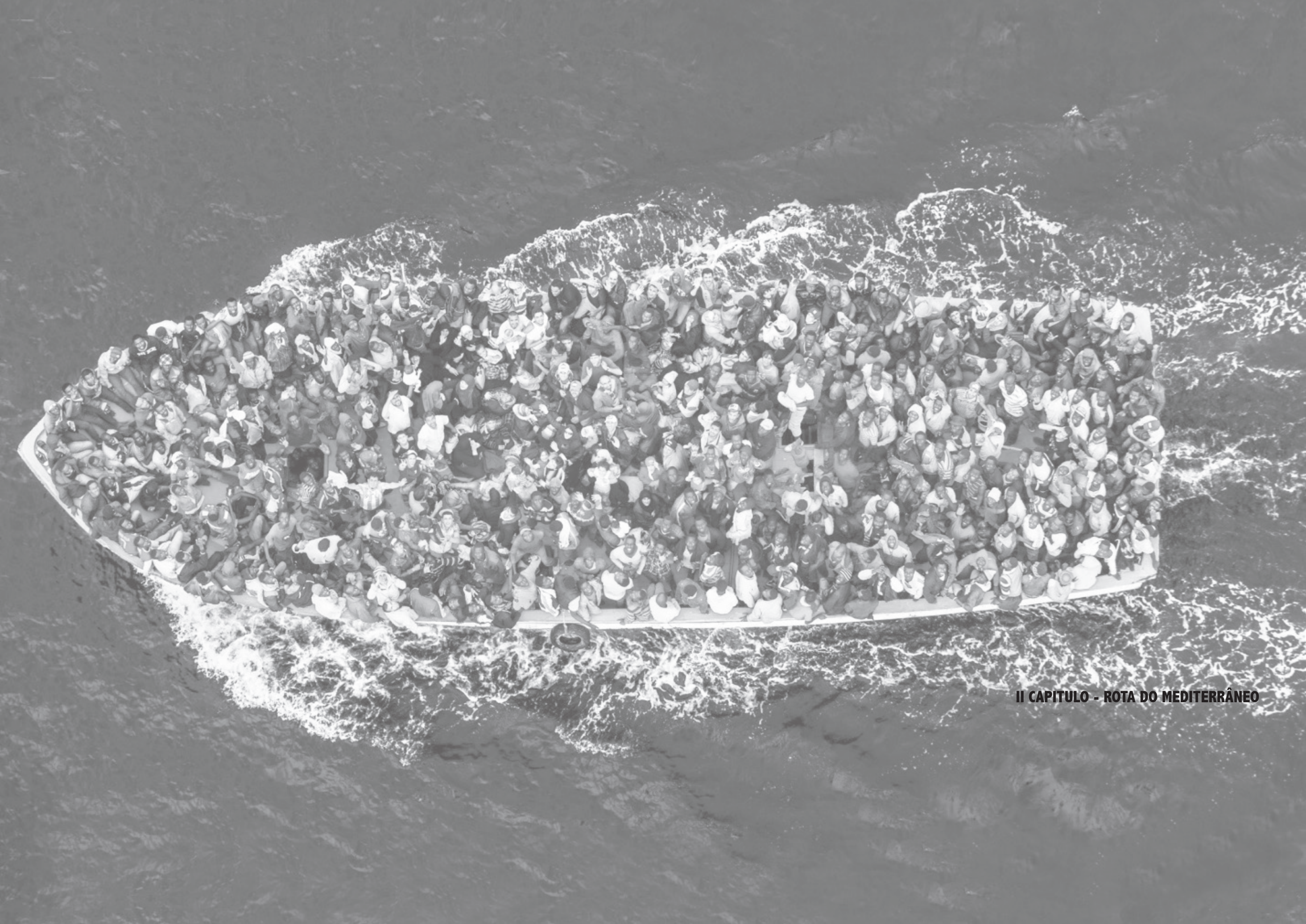
Isto é feito através de uma abordagem pedagógica baseada em atividades lúdicas, desportivas e artísticas. Terre des Hommes também oferece um programa de educação alternativa em locais onde o sistema escolar está parcial ou totalmente degradado ou é inadequado. Além disso, a Terre des Hommes trabalha ativamente com as comunidades para a reorganização progressiva do ambiente social (Terre des Hommes).⁴³



Imagem 13: Operacional da ONG Terre des Hommes apoia crianças refugiadas.

⁴² Terre des Hommes (s.d.). *Our story*. Retirado em Janeiro 4, 2017 de <http://www.terredeshommes.org/about/our-history/>.

⁴³ Terre des Hommes (s.d.). *Emergency*. Retirado em Janeiro 4, 2017 de <http://www.terredeshommes.org/causes/responding-emergency/>.



II CAPÍTULO - ROTA DO MEDITERRÂNEO

2.1 O caminho dos recém-chegados

Um número crescente de refugiados arriscam as suas vidas meros botes ou barcos sem condições numa tentativa desesperada de chegar à Europa. A grande maioria das pessoas que fazem esta perigosa travessia procuram proteção internacional, fugir da guerra e escapar a outros cenários de violência e perseguição nos países de origem. Todos os anos estas movimentações arrastam consigo números devastadores de perdas de vida humana (UNHCR, 2016, p.1, tradução livre).⁴⁴

Os números reveladores de quem viaja diariamente à procura de paz e dignidade preocupam as Nações Unidas e introduzem a dura realidade que tem no Mediterrâneo os seus contornos mais evidentes, com o ano de 2015 a assumir particular relevância pelo crescente número de refugiados e migrantes e pela ampla mediatização do fenómeno que levou a medidas mundiais para combater a crise humanitária. Como foi referido anteriormente, a travessia marítima até à Grécia, Itália ou Espanha é a mais utilizada pelos migrantes e refugiados. Em 2015 registou-se que “um número crescente de migrantes cruzou o Mar Mediterrâneo em busca de segurança. Mais de 1 milhão de pessoas “atracaram” na Europa em 2015”(UNHCR, 2017, p.1, tradução livre).⁴⁵ O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados detalha ainda outras tendências entre os recém-chegados relativas a 2016. Nesse ano, 362.376 pessoas chegaram à Europa pela rota marítima do Mediterrâneo, um número muito inferior ao do ano anterior (1.014.073). Se isolarmos o mês de Agosto de 2016, a percentagem de descida aumenta exponencialmente. 25.611 pessoas entraram na Europa, menos 80% do que no período homólogo (130.837), um dos picos mais extremos vividos até hoje na Europa.

Nos relatórios do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados é possível descortinar números que são reveladores de uma mudança estrutural na rota do mediterrâneo, sobretudo no que concerne ao caso grego e italiano. Em 2015 chegaram à Grécia, por via marítima, 856.723 migrantes. Em Itália o número atingiu 153.842 pessoas. O ano de 2016 no mediterrâneo aponta uma descida significativa no número total de refugiados e migrantes, a Grécia recebeu 173.450 refugiados e migrantes, o que revela uma descida enorme dos números no país. Já a Itália viu aumentar ligeiramente o número de refugiados e migrantes a chegar aos seus portos passando de 153.842 do ano de 2015 para 181.436 em 2016 (UNHCR, 2017).⁴⁶ Esta alteração numérica na Grécia deve-se ao encerramento da Rota dos Balcãs e a um acordo feito entre a União Europeia e a Turquia. Este acordo entrou em vigor a 20 de Março de 2016 e visa terminar com o crescente aumento de tráfico humano verificado no país. O acordo prevê que qualquer refugiado e migrante que chegue à Grécia através da Turquia será devolvido ao país e, em paralelo com este processo, um migrante que esteja na Turquia será acolhido pela União Europeia. Este acordo gerou muita polémica por parte de algumas ONG que deixaram de dar apoio em alguns portos da Grécia por considerarem uma medida contra um dos valores mais importantes da Convenção de Genebra de 1951, que declara o direito da não devolução (Euronews, 2016).⁴⁷ Em relação a Itália o número aumentou devido às novas táticas utilizadas pelos traficantes, que começaram a usar barcos mais pequenos para a travessia (Diário de Notícias, 2016).⁴⁸ Importa por isso, e tendo em conta que o objeto projetual se centra no Porto de Augusta na Sicília, observar mais atentamente o caso Italiano.

⁴⁴ UNHCR (2016). *Refugees/migrants emergency response – Italy*. Retirado em Outubro 7, 2016 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/country.php?id=105>.

⁴⁵ Obra cit., nota 5.

⁴⁶ Obra cit., nota 5.

⁴⁷ Euronews (2016). *O que acontece agora com o acordo UE e Turquia sobre refugiados*. Retirado em Outubro 7, 2016 de <http://pt.euronews.com/2016/03/24/o-que-acontece-agora-com-o-acordo-eu-turquia-sobre-refugiados>.

⁴⁸ Diário de Notícias (2016). *Costa de Itália recebeu neste ano um número recorde de refugiados*. Retirado em Janeiro 10, 2017 de <http://www.dn.pt/mundo/interior/costa-de-italia-recebeu-neste-ano-um-numero-recorde-de-refugiados-5561656.html>.

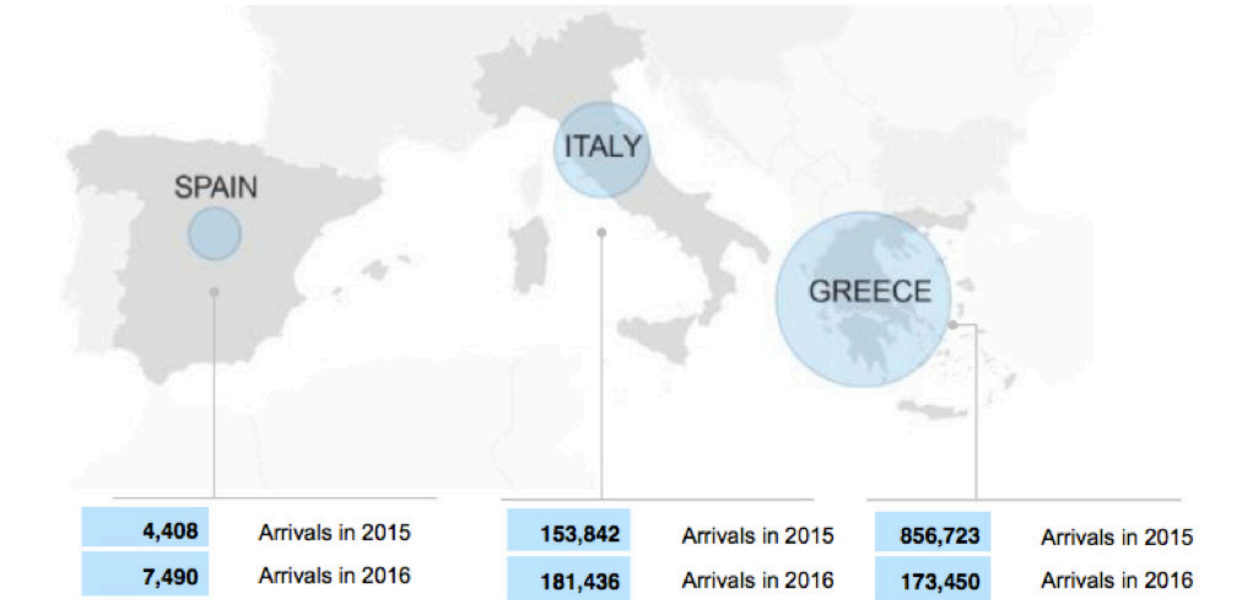


Imagem 15: Mapa com número de chegadas a Espanha, Itália e Grécia nos anos de 2015 e 2016. Fonte: UNHCR.



Imagem 16: Muitas ONG revoltaram-se com o acordo entre a Turquia e União Europeia.

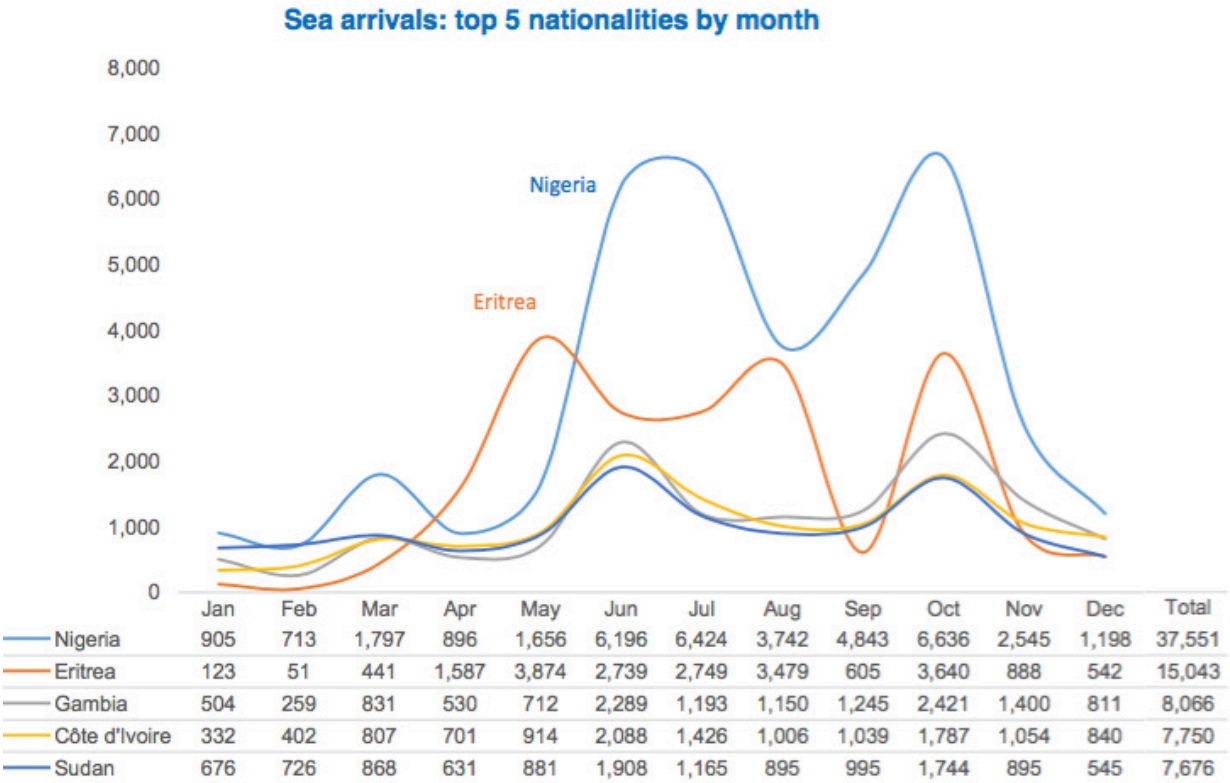


Imagem 17: Top 5 de nacionalidades chegadas a Itália em 2016. Fonte: UNHCR.

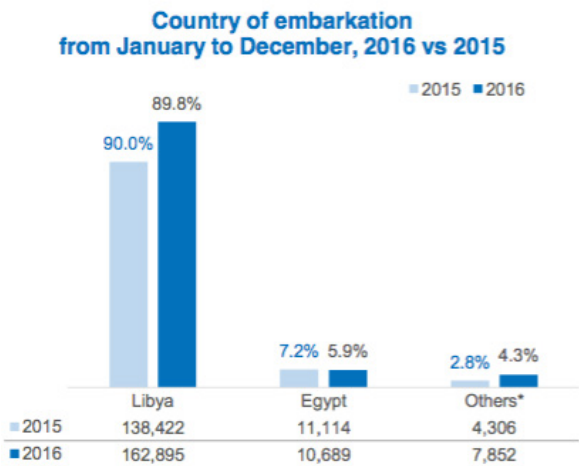


Imagem 18: Gráfico com países de partida para Itália no ano de 2015 e 2016. Fonte:UNHCR.

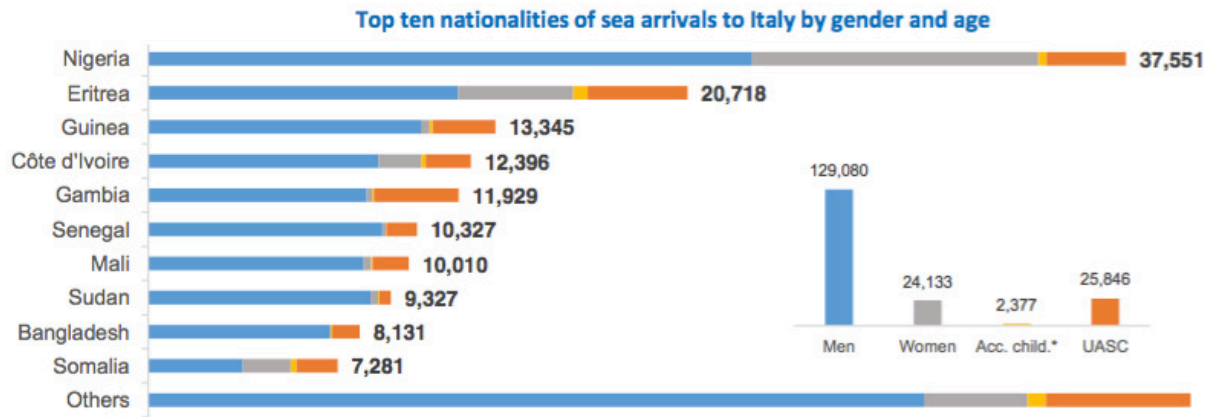


Imagem 19: Chegadas a Itália com separação de género e idade. Fonte:UNHCR.

2.1.1 O caso italiano

Como já foi referido, o ano de 2016 representa um aumento de 18% de chegadas de migrantes e refugia-dos aos portos italianos. 2016 trouxe também uma mudança significativa, sobretudo no que concerne à descida da presença Síria nos portos italianos. Em Janeiro de 2015, 764 Sírios chegaram a Itália enquanto que no mesmo mês de 2016 o número ficou-se por apenas 6. O Médio Oriente não representa um peso significativo nos países de origem que chegam a este país transalpino, ao passo que nações da África Subsariana como a Nigéria e Eritreia se destacam entre as que fornecem o maior número de recém-chegados (UNHCR, 2016).⁴⁹ A maioria das embarcações do ano de 2016 chegou da Líbia (cerca de 90%), tal como no ano anterior, o que ajuda a justificar a presença massiva de nações do norte e do centro de África entre o número total de migrantes que chegam à Itália. É ainda apresentado no relatório um perfil do refugiado que chega atualmente a Itália. Os homens continuam a liderar a tabela de chegadas, embora se destaque o número de mulheres provenientes da Nigéria que representa uma percentagem muito maior em relação a outros países (UNHCR,2016).⁵⁰ Outro dado significativo são os menores que chegam sem acompan-hamento. Este valor dobrou em 2016 e representa 91% das crianças. Destaca-se o mês de Outubro de 2016 com os valores mais altos nos últimos anos (UNHCR, 2016).⁵¹ É importante referir que a travessia marítima para Itália é também a mais mortífera. As viagens podem durar dias, em condições muito adversas e muitos não sobrevivem à terrível jornada.

Feita esta análise, é importante perceber quais são as zonas de Itália que mais acolhem os recém-chegados. Embora haja espaços de acolhimento espalhados por todo o país que ajudam na receção e integração de refugiados e migrantes, é obviamente na zona costeira (Campania, Calabria e Apulia) e nas ilhas (Sicília e Sardenha) que se regista um maior fluxo de chegadas. A Sicília e os seus *hotspots*⁵² registaram a entrada de praticamente 110 mil migrantes até ao final de Outubro de 2016, o que corresponde a 69% do total de chegadas ao país. Um dado que se constitui como essencial neste projeto de Design Social e de Inclusão prende-se com a situação das crianças, pois 16% do total de migrantes são menores (UNHCR, 2016).⁵³ Destaque ainda para o facto de o Porto de Augusta, local onde se irá desenvolver o projeto, estar sinalizado como principal *hotspot* (embora não oficial) na rota italiana, com 27% das chegadas (UNHCR, 2016).⁵⁴

⁴⁹ UNHCR (2016). *Italy – Sea arrivals january 2016*. Retirado em Outubro 7, 2016 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/country.php?id=105>.

⁵⁰ UNHCR (2016). *Italy – Sea arrivals dashboards*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/country.php?id=105>.

⁵¹ UNHCR (2016). *Italy – Unaccompanied and separated children (UASC) dashboard*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/country.php?id=105>.

⁵² Hotspot corresponde a uma iniciativa criada pela Comissão Europeia para ajudar os países mais expostos ao afluxo de migrantes e refugiados. São centros que os recebem e facilitam o início do seu processo de asilo. Normalmente são locais de passagem, onde os refugiados e migrantes não ficam mais de 48 horas.

⁵³ Obra cit., nota 44.

⁵⁴ Obra cit., nota 49.

2.2 A resposta à situação de crise humanitária em Itália

A ideia de asilo, um lugar seguro para aqueles que se encontram em fuga de suas casas e que temem pelas próprias vidas, não é nova. Encontrámo-la ao longo da História. O direito de procurar santuário é um dos mais antigos princípios de civilização. Desde os antigos gregos aos aztecas, passando pelo judaísmo e indo até ao Islão, as pessoas têm acolhido os estrangeiros perseguidos, concedendo-lhes asilo (Trier, 1994, p.15).⁵⁵

Apesar de vários problemas e carências enunciadas nesta tese, a verdade é que a Itália tem conseguido lidar com a nova realidade que assola o país. Ainda antes do escalar da crise de refugiados, em Julho de 2014, foi adotado um acordo entre o governo, as regiões e as autoridades locais durante a chamada Conferência Conjunta. A Conferência aprovou um Plano Nacional projetado para lidar com o fluxo sem precedentes de recém-chegados de países terceiros, a maioria dos quais são pessoas frágeis, famílias e menores não acompanhados. O objetivo passa por implementar um plano operacional para dar uma resposta imediata à necessidade urgente de fornecer asilo adicional para acomodar as chegadas simultâneas, nas várias áreas fronteiriças. Os recursos financeiros para implementar as ações projetadas na Conferência Conjunta são mobilizados a partir do Orçamento do Estado, e através de mecanismos europeus, sendo os mais relevantes o Fundo para a Segurança Interna de Asilo, Migração e Integração (AMIF) e o Fundo De Segurança Interna(ISF). Dentro dos limites dos recursos disponíveis e das suas áreas de elegibilidade, o governo italiano designou duas autoridades responsáveis para a gestão dos novos fundos. Foi nomeado um Vice-Presidente do Departamento das Liberdades Cívicas e Imigração para gerir os fundos do AMIF, cabendo ao Diretor-Geral Adjunto da Segurança Pública as atividades de coordenação e investimentos relativos ao ISF. (Ministero dell’ Interno, 2016).⁵⁶

Como referido, a resposta da Itália não é isolada e está inserida numa estratégia comum da União Europeia. A 23 de abril de 2015, numa reunião extraordinária do Conselho Europeu, os líderes dos Estados-Membros reconheceram a emergência humanitária no mediterrâneo e foram adotadas iniciativas para enfrentar mais eficazmente os fluxos migratórios, tendo como base uma renovada solidariedade entre os países da União Europeia. Foram tomadas várias medidas temporárias em matéria de proteção internacional, em benefício de países como a Itália, a Grécia e a Hungria, que enfrentam um número crescente de requerentes de asilo. A mais relevante e polémica medida prende-se com a possibilidade de deslocalizar refugiados destes países para outros estados-membro da União Europeia. Na prática, trata-se de uma distribuição obrigatória assente em várias métricas que determinam a quantidade de migrantes e refugiados que cada país europeu pode receber. Portugal tem sido uma voz ativa na defesa da medida e foi um dos primeiros a ativar a declaração de disponibilidade. Estima-se que através desse processo de recolocação se coloquem nos vários países europeus cerca de 39.600 migrantes asilados em Itália no espaço de dois anos. (Ministero dell’Interno, 2016).⁵⁷

A elaboração dos chamados Roadmaps⁵⁸ italianos são uma das outras medidas absolutamente fundamentais na resposta à crise italiana, e servem de base de trabalho operacional para lidar com o problema dos refugiados. Este roteiro, construído em estreita cooperação com as instituições europeias, inclui medidas adequadas para melhorar a capacidade, qualidade e eficiência do sistema italiano em matéria de asilo, primeiro acolhimento e repatriamento.

⁵⁵ Obra cit., nota 19.

⁵⁶ Ministero dell’Interno (2016). *Piano accoglienza 2016 Tavolo di coordinamento nazionale*.. Retirado em Novembro 8, 2016 de www.interno.gov.it/it/temi/...e.../sistema-accoglienza-sul-territorio.

⁵⁷ Obra cit., nota 56.

⁵⁸ Roadmaps são roteiros criados para ajudar na crise de refugiados e migrantes, dividindo os processos de asilo em várias “estações”, facilitando assim o seu acolhimento.

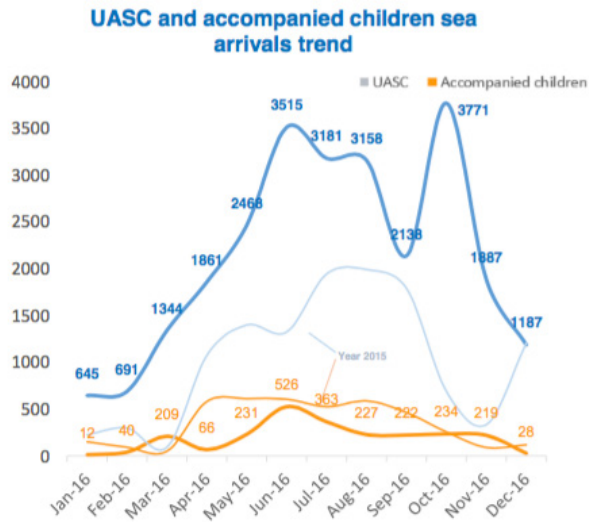


Imagem 20: Gráfico com número de chegadas no ano de 2016 de menores não acompanhados. Fonte: UNHCR.

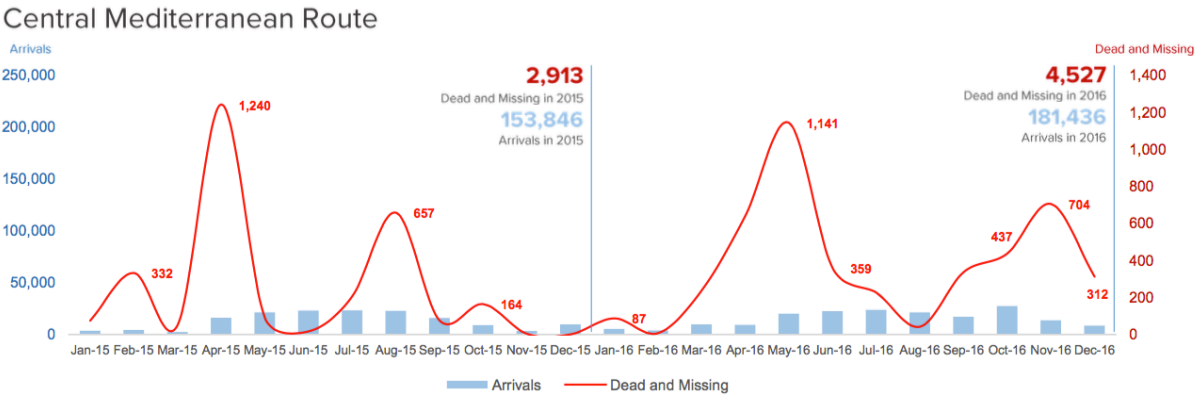


Imagem 21: Mortes nos anos de 2015 e 2016 na rota do Mediterrâneo Central. Fonte:UNHCR.



Imagem 22: Procedimento de chegada aos *hotspots*.

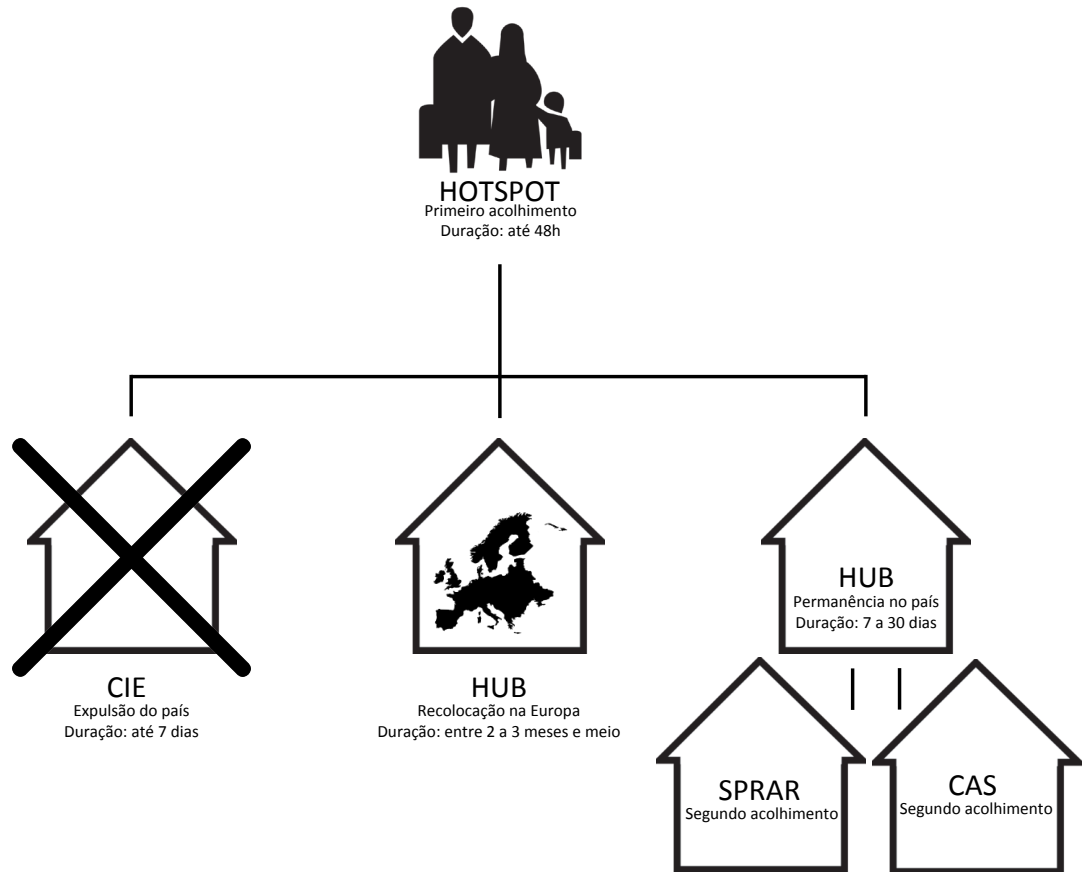


Imagem 23: Esquema representativo do sistema de acolhimento italiano.

2.2.1 Portos de Acolhimento: *Hotspots* e o Porto de Augusta

Os Portos de Acolhimento em Itália obedecem a um sistema coordenado que gere o fluxo e os tempos de permanência dos migrantes e refugiados em cada um dos centros. O percurso inicia-se nos chamados *hotspots*, estruturas de primeiro acolhimento, onde os recém-chegados apenas deverão permanecer, idealmente, até 48h. Aqui são executados uma série de procedimentos iniciais que são essenciais, tais como rastreios de saúde e de pré-identificação com fotografia de sinalização e impressões digitais. Esta fase inicial é lograda com a ajuda das ONG e de outros serviços, como mediadores culturais, polícia e funcionários do Secretariado de Imigração Italiano que permitem uma análise mais eficaz dos recém-chegados. Desde Setembro de 2015, quatro portos estão oficialmente identificados como *hotspots*: Pozzalo, Empedocle, Trapani e Lampedusa. Embora na realidade alberguem um número superior de recém-chegados e por mais de 48 horas, a capacidade oficial destes portos para o rastreamento inicial aos migrantes e refugiados é de 1500 lugares. Para aumentar a capacidade para 2500 lugares, encetaram-se planos para a abertura de mais dois *hotspots*: Taranto e Augusta. Precisamente o Porto de Augusta, onde se debruça a solução projetual desta tese, tem sofrido alguns reveses políticos que atrasam a sua oficialização. Refira-se ainda que é nesta fase que entram em cena os funcionários da Agência Europeia para o Apoio ao Asilo (EASO) onde, através das ferramentas de identificação dos indivíduos, se faz uma primeira diferenciação entre os potenciais requerentes de asilo e os que se encontram em situação irregular (Ministero dell'Interno, 2015).⁵⁹

Após a permanência nos *hotspots*, os migrantes e refugiados poderão ser expulsos de Itália (podem permanecer 7 dias no Centro de Identificação e Expulsão até abandonarem o país), ou ingressar em novas estruturas chamadas de *regional hubs*,⁶⁰ onde poderão sofrer um processo de recolocação ou de preparação para a permanência em Itália, no que se designa como segundo acolhimento. Se os migrantes e refugiados entrarem no fluxo de recolocação, a sua permanência nos *regional hubs* do país poderá durar entre dois meses e três meses e meio, consoante decorra o processo. Nesse momento, os recém-chegados são acompanhados de perto por funcionários da EASO e são chamados funcionários do ACNUR que, acompanhados por três mediadores culturais, discutem com os migrantes as vantagens de um processo de recolocação. Se houver entendimento entre todos os intervenientes, os recém-chegados requerem oficialmente o seu direito de proteção internacional (Ministero dell'Interno, 2015).⁶¹

Caso o futuro passe pela permanência em Itália, o denominado segundo acolhimento pode ocorrer em duas estruturas: o SPRAR (Sistema de Proteção para Requerentes de Asilo e Refugiados) e os CAS (Centros de Acolhimento Extraordinário). O SPRAR é composto por uma rede de instituições locais que executam uma série de medidas de apoio aos recém-chegados através de um fundo nacional gerido pelo Ministério do Interior. O plano de ações liderado pelas instituições locais, em cooperação com organizações ligadas ao voluntariado, visa sobretudo intervenções de acolhimento integrado. Vai além da simples distribuição de alimentos e de asilo, fornecendo também serviços complementares, como orientação jurídica e social e programas individuais para promover a inclusão e a integração socioeconómica (SPAR)⁶². Muitas vezes devido à sobrelotação dos SPRAR, o sistema de segundo acolhimento italiano comporta ainda os chamados Centros de Acolhimento Extraordinários (CAS). São infraestruturas indicadas pelos municípios italianos, desde cooperativas a associações e até hotéis, que albergam migrantes e refugiados ao abrigo de uma adjudicação pública e após uma peritagem e montagem de estrutura de apoio e vigilância a quem permanece nestes locais. A estadia deverá ser limitada ao tempo estritamente necessário até à mudança para novas instalações (Open Migration).⁶³ No sistema italiano, refira-se ainda que os recém-chegados, caso não cumpram os requisitos indispensáveis para permanecer em solo europeu, passam por um processo de repatriamento, que pode ser voluntário ou forçado.

⁵⁹ Ministero dell'Interno (2015). *Roadmap italiana*. Retirado em Novembro 9, 2016 de www.meltingpot.org/IMG/pdf/roadmap-2015.pdf.

⁶⁰ Regional hubs são estruturas que recebem os refugiados numa segunda fase, enquanto não é decidido qual será o seu destino.

⁶¹ Obra cit., nota 59.

⁶² SPAR (s.d.). *SPAR e Servizio centrale*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <http://www.sprar.it/la-storia>.

⁶³ Open Migration (s.d.). *Centri di Accoglienza Straordinaria*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <https://openmigration.org/glossary-term/centri-di-accoglienza-straordinaria-cas/>.



3.1 Projeto

No seguimento destas considerações, este trabalho de investigação propõe um projeto de um abrigo social para refugiados e migrantes, destinado ao porto de Augusta, na Sicília, que também é facilmente adaptável a outros locais considerados *hotspots*.

A metodologia escolhida divide-se, fundamentalmente, em duas fases distintas, correspondentes à análise do objeto de estudo e à solução projetual. O Design Social e de Inclusão tem natural preponderância, mas torna-se indispensável recorrer a outras disciplinas que possuem os instrumentos necessários para o desenvolvimento do projeto. Na fase de análise do objeto de estudo procedeu-se a:

- Observação do espaço disponível no porto de Augusta;
- Levantamento fotográfico do espaço;
- Caracterização do público alvo, através do estudo de gráficos sobre o tema;

Relativamente à fase da solução projetual:

- Realização de uma pesquisa sobre várias referências na área;
- Ideias-teste desenvolvidas após análise das necessidades do porto, materiais sustentáveis a utilizar e pesquisa teórica e visual sobre o tema;
- Escolha da proposta final e elaboração de síntese.

3.1.1 Objeto de estudo: Porto de Augusta

O Porto de Augusta, embora não tenha estrutura física e jurídica para ser considerado um *hotspot*, tornou-se um dos mais relevantes portos de acolhimento. Localizado na província de Siracusa, é um importante polo comercial e industrial e serve ainda como base naval da marinha italiana. Precisamente por se localizar na Sicília funciona também como um porto turístico, recebendo milhares de visitantes que se deslocam a esta ilha italiana. Augusta é também o principal porto petrolífero italiano, com mais de 30.000 milhões de toneladas movimentadas anualmente. A área de superfície total do porto supera os 250.000 metros quadrados e tem extensões planeadas no âmbito da recuperação de áreas industriais adjacentes. Todas estas características fazem do Porto de Augusta uma importante referência na atividade industrial da Sicília, mas é também pela crescente entrada de migrantes e refugiados que se tem destacado nos últimos anos.

A falta de condições necessárias torna a gestão humanitária muito complicada. Muitas das dificuldades inerentes à ação prendem-se com os sucessivos recuos nos apoios e na legislação humanitária que o espaço requer. A criação de um *hotspot* no porto de Augusta, dado adquirido até ao final de 2015, sofreu um revés no último ano com decisões políticas que levaram à suspensão da decisão e já se especula sobre a possibilidade de transferir o processo para Messina, pese os milhares de migrantes que chegam e permanecem no porto de Augusta. O Ministro da Administração Interna, Angelino Alfano, deu voz a essa intenção e afirmou claramente que não haverá um *hotspot* em Augusta. O processo continua sem decisões efetivas, com a administração do porto e várias entidades contra a criação do *hotspot* a denunciarem o facto de prosseguirem as atividades relacionadas com o centro para a identificação dos migrantes (Siracusa News, 2016).⁶⁴ Certo é que as várias suspensões estão também a atrasar os investimentos em infraestruturas humanitárias, cifrados em cerca de 2 milhões de euros. Uma das principais carências apontada pelos media sicilianos que cobrem a crise no porto passa pela carência de água, um direito fundamental que tem escasseado sobretudo nos meses de verão. Outros relatos apontam para a inexistência de condições sanitárias, com excrementos e garrafas cheias de urina a céu aberto (Augusta Online, 2016).⁶⁵ Numa entrevista protagonizada pelas estudantes Chiara Valzer e Veronica Bordieri no Porto de Augusta a uma psicóloga da Terre des Hommes que não revelou a sua identidade, foi possível descortinar, na primeira pessoa, outras carências deste porto: “Eles dormem em condições meteorológicas muito adversas. E como falamos de estruturas temporárias, as mesmas não protegem das intempéries. Portanto, há a necessidade de reorganizar um pouco de tudo”.⁶⁶



Imagens 25 a 27: Fotografias do Porto de Augusta. Fonte: Chiara Valzer e Veronica Bordieri.

⁶⁴ Siracusa News (2016). *Augusta, dipendenti comunali impiegati nell'accoglienza dei migranti*. accumulati 300mila euro di straordinario non retribuito. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <http://www.siracusanews.it/augusta-dipendenti-comunali-impiegati-nellaccoglienza-dei-migranti-accumulati-300mila-euro-di-straordinario-non-retribuito/>).

⁶⁵ Augusta Online (2016). *Augusta : la crisi idrica tra allacci abusivi e disservizi indotti*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de http://www.augustaonline.it/crisi_idrica_130716.html).

⁶⁶ Entrevista realizada por Chiara Valzer e Veronica Bordieri a uma psicóloga da organização Terre des Hommes no Porto de Augusta no âmbito da sua tese de mestrado orientada pela Prof. Francesca de Filippi.

3.1.2 Caracterização do Público-Alvo

Augusta, no que diz respeito ao perfil de migrantes e refugiados, acaba por seguir padrões semelhantes aos restantes abrigos espalhados um pouco por toda a Itália. Tendo já sido abordado exhaustivamente o contexto geopolítico dos migrantes, que vêm maioritariamente da Eritreia e Nigéria, importa sobretudo referir outras características que acabam por construir esse perfil. Embora grande parte dos recém-chegados sejam homens, há também um número significativo de crianças, muitas vezes não acompanhadas. Na entrevista supracitada percebe-se que é estimado, apesar de não haver números exatos, que os menores constituem 10% dos refugiados e migrantes presentes no porto, sendo até relatados casos específicos de famílias constituídas apenas por irmãos menores.⁶⁷ Outro facto importante é que embora o porto em teoria seja para uma permanência de apenas 48 horas no máximo, o tempo, sobretudo para as crianças que viajam sozinhas, é muito superior ao previsto devido a questões burocráticas. Após jornadas marítimas em condições desumanas e em que muitos assistem a mortes de familiares e amigos, revelam-se várias carências físicas e psicológicas. Para além de infeções respiratórias e problemas dermatológicos, os traumas psicológicos são destacados como os principais problemas detetados pelos Médicos Sem Fronteiras (Médicins Sans Frontières, 2015).⁶⁸ Entre os traumas psicológicos destacam-se o stress pós-traumático, quadros de ansiedade e depressão. O roteiro até chegarem a Itália é muito duro o que levou à implementação de um programa nacional específico⁶⁹ nesta matéria e Augusta foi um dos portos contemplados com este esforço humanitário.



Imagem 28: Combater carências físicas das crianças é uma prioridade das ONG.



Imagem 29: Grupo de refugiados e migrantes à chegada do Porto de Augusta.

⁶⁷ Fonte cit. nota 66.

⁶⁸ Obra cit., nota 33.

⁶⁹ Programa explicado no II Capítulo.

3.2 Solução Projetual

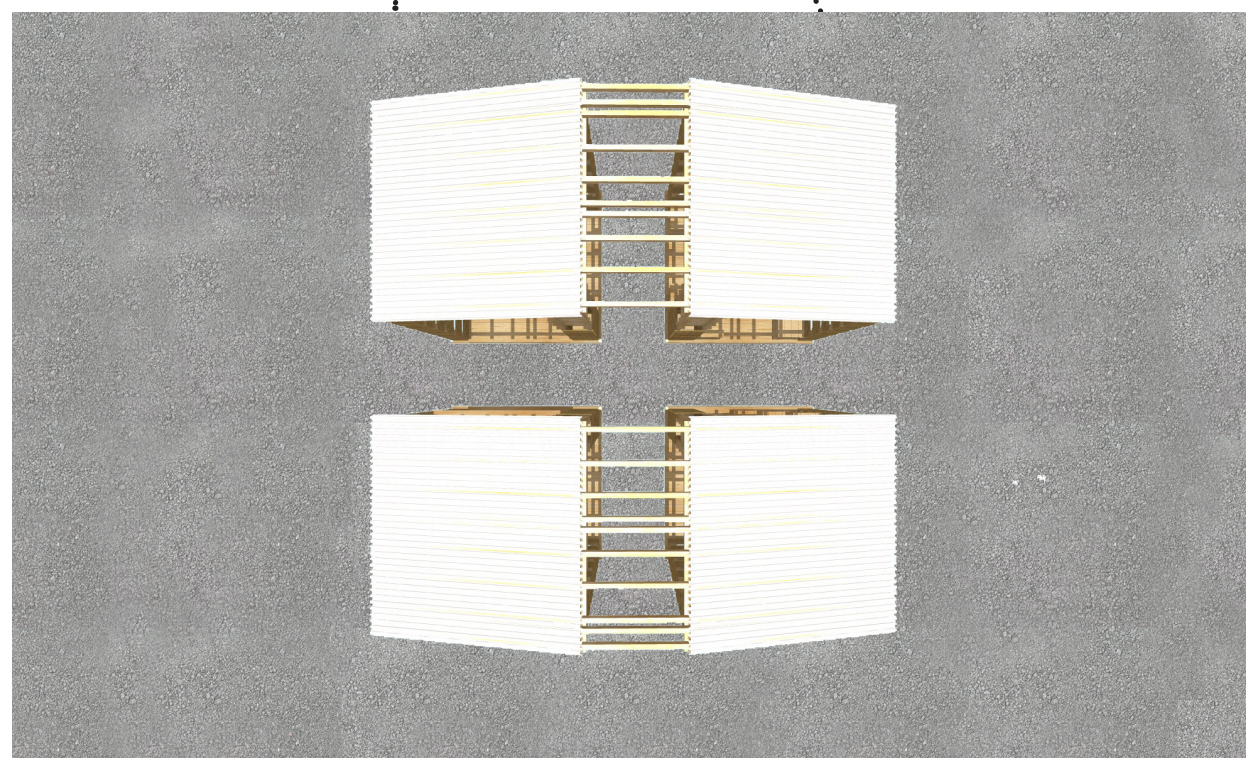
A escolha deste tema surge através de um interesse pessoal sobre a situação de crise humanitária e a vontade de tentar, através do design, criar soluções que possam ajudar estas pessoas. Embora seja uma matéria complexa e abrangente, foi possível reunir as fontes documentais necessárias para compreender a situação que se vive e pensar numa solução projetual simples que dê resposta às necessidades inerentes do Porto de Augusta.

Assente no princípio enunciado por Victor Margolin⁷⁰ que afirma que “os designers estão certamente entre aqueles cujas contribuições são essenciais para visualizar as formas materiais de um mundo mais humano” (Margolin, 2014, p.18),⁷¹ começou-se por pensar numa estrutura que pudesse contribuir para um maior conforto e bem-estar, recorrendo a materiais sustentáveis, sem recurso à tecnologia, o que permite minimizar o impacto ambiental e económico.

Decidiu-se então desenvolver um abrigo capaz de se tornar num espaço de estar e de encontro para crianças e adultos. A ideia de criar um espaço social comum, quase como se de uma praça se tratasse, deve-se ao facto de um local com esta tipologia poder servir uma série de funções distintas, tais como atividades lúdicas ou simplesmente estar. (Shaftoe, 2008).⁷² Ao mesmo tempo cumpre funções psicológicas, proporcionando um abrigo confortável e protegido. Pretende-se com a estrutura uma ativação de um processo de apropriação positiva do espaço por parte dos utilizadores promovendo entre eles uma ligação emocional. Essa ligação é importante não só como estímulo físico, intelectual e relacional das crianças, mas também, e em paralelo, para superar traumas entre os adultos. Desta maneira, tornou-se evidente a necessidade de uma divisão do espaço em módulos que são agrupados e relacionados entre si mas que, dependendo da utilização, funcionam como uma única estrutura. Assim, é possível criar um local com espaços diferentes que assumem várias funções, adaptando-se à diversidade e à mudança sem nunca perder a sua identidade (Hertzberger, 1999).⁷³

Com todas estas características, percebeu-se também que era fundamental optar por uma solução que pudesse ter um forte impacto a nível social, mas ao mesmo tempo uma forte componente ambiental e económica. Após uma longa pesquisa sobre o tema, a autoconstrução surge como resposta para o problema. De facto, com a utilização de materiais sustentáveis como a madeira e a utilização de técnicas de construção simples e mais rudimentares consegue-se um impacto muito reduzido no ambiente (Amado, M., Pinto, A., Alcaface, A. & Ramalhe, I., 2015).⁷⁴ Sendo a madeira um material de fácil acesso e muitas vezes de algum desperdício, podem desenvolver-se parcerias com empresas locais que queiram participar nesta ação. Outra vantagem da autoconstrução é a possibilidade de realizar uma obra sem ter de recorrer a profissionais, o que agiliza processos burocráticos e fomenta o espírito de comunidade.

A atribuição de qualidades éticas do ser humano como honestidade, modéstia e virtude à escolha dos materiais não procura ser uma justificação. O seu propósito é aumentar a nossa consciencialização sobre os próprios materiais e desta forma ponderar sobre o seu valor (Sennet, 2008, p. 137, tradução livre).⁷⁵



Imagens 30 e 31: Vista aérea do Porto de Augusta com a solução projetual

⁷⁰ Victor Margolin é um professor universitário americano que se destaca pelo seu trabalho no estudo do design e da sua relação com a sociedade.

⁷¹ Margolin, Victor (2014). *Design e Risco de Mudança*. ESAD, Coleção Design e, Nº1, Vila do Conde: Verso da História.

⁷² Shaftoe, H. (2008). *Convivial urban spaces*. UK: Earthscan.

⁷³ Hertzberger, H. (1999). *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.

⁷⁴ Amado, M., Pinto, A., Alcaface, A. & Ramalhe, I. (2015). *Construção sustentável Conceito e prática*. Portugal: Caleidoscópio.

⁷⁵ Sennet, R. (2008). *The Craftsman*. Connecticut: Yale University Press.



Imagens 32 e 33: Montagem da solução projetual no espaço.

Realizar uma obra pela própria mão como se de um trabalho de artesão se tratasse, requer uma ligação entre o fazer e o pensar. O facto da mão, ou o acto de construir com as próprias mãos, estar ligada à mente enquanto produzimos algo, proporciona-nos momentos de reflexão e imaginação muito poderosos. O sentimento de dever cumprido no final de uma obra construída por nós é incomparável ao que se sente quando se recorre a outras técnicas de construção (Sennet, 2008).⁷⁶

Posto isto, o projeto de abrigo assenta em bases sólidas de autoconstrução, sem nunca esquecer o seu teor social, ou seja, a importância de projetar adequadamente para este contexto concreto de crise humanitária, tentando causar um impacto positivo na vida de quem chega diariamente ao Porto de Augusta. Estas características do projeto proporcionam liberdade no posicionamento dos módulos, mas também a possibilidade de os replicar noutros contextos e noutros lugares.

⁷⁶ Obra cit., nota 75.



Imagens 34 e 35: Louisiana Hamlet. Fonte: ArchDaily.



Imagens 36 e 37: Playground Sam+Pam. Fonte: Hometeka.



Imagens 38 e 39: Los Trompos. Fonte: Arq4design.



3.2.1 Referências

De forma a relacionar os conceitos importantes que se quiseram abordar no projeto, selecionaram-se três exemplos de projetos inspiradores que, embora diferentes, se complementaram na busca pela solução final para este trabalho de investigação.

Lousiana Hamlet

Louisiana Hamlet foi uma estrutura criada pelos arquitetos espanhóis José Selgas e Lucía Cano em colaboração com a empresa Hello Everything. O edifício feito com materiais comuns como andaimes coloridos e placas de plástico rígido foi projetado para uma exposição do Museu de Arte Moderna de Louisiana. No final da exposição seguirá para Nairobi, no Quênia, para servir de escola num bairro.

Playground Sam+Pam

Através de uma parceria canadiana entre uma empresa de arquitetos (Office of McFarlane Biggar Architects + Designers Inc.) e empresários ligados à comercialização de madeira surge o projeto deste parque infantil que será replicado e doado a comunidades e centros de caridade e ainda ajudará uma instituição de ajuda a crianças com parte das receitas obtidas. Este projeto propõe novas formas de interação das crianças com o ambiente e permite-lhes dar o uso que a sua imaginação quiser.

Los Trompos

Os designers mexicanos Héctor Esrawe e Ignacio Cadena criaram esta instalação interativa com vários módulos para uma exposição temporária do Discovery Green Park em Houston, no Texas. Todos os módulos feitos com uma estrutura revestida por fios de tecido interligados de maneira diferentes são inspirados em brinquedos tradicionais e pretendem criar peças interativas que relacionem as pessoas.

3.2.2 Proposta - Memória descritiva

O projeto caracteriza-se por ser um espaço de socialização e abrigo, organizado por dois módulos distintos, doravante designados de módulo A e módulo B. Embora essa componente já estivesse pensada e incluída na conceção da solução desde o início, foi após as entrevistas realizadas *in loco* que se percebeu a real necessidade de um espaço social, onde os refugiados e migrantes possam ocupar uma parte significativa dos seus dias. A sua dimensão foi calculada sob a ideia de que um espaço deve ser pequeno o suficiente para a sua utilização ser confortável, mas grande o suficiente para que tenha várias utilizações diferentes (Hertzberger, 1999).⁷⁷ A escolha dos materiais e a organização do espaço está também preparada para abrigar os recém-chegados em qualquer estação do ano e condição climática, desde dias de calor abrasivo até às intempéries que possam ocorrer em Augusta.

É então sob a égide do conceito de socialização que cada um dos dois módulos se divide em outros dois espaços distintos interligados entre si, com áreas cobertas e outras ao ar livre. Cada módulo ou cada um dos quatro espaços tem níveis de privacidade diferentes e a existência de filtro com cordas e variações de cotas contribuem para diferentes micro-territórios facilmente identificados pelos seus utilizadores. Em determinado momento podem optar por estar sozinhos, noutros em grupo. É importante conseguir uma dinâmica que “não imponha o contacto social, mas ao mesmo tempo jamais se imponha a ausência de contacto social” (Hertzberger, 1999, p.206, tradução livre).⁷⁸

No módulo A o espaço A-1 está organizado com uma área dedicada às crianças, com baloiço e cordas, e o A-2 com bancos corridos que se direciona para o descanso e supervisão dos adultos. “Nunca é demasiado dispor num parque infantil, por mais pequeno que seja, um espaço onde se possa sentar tranquilamente e relaxar ou ganhar forças para continuar a brincar” (Broto, 2006, p.A-15, tradução livre).⁷⁹ O baloiço e as cordas, pela abrangência de movimentos, dinâmicas e ações que permite têm tanto de tranquilizante, como de estimulante, ajudando-os a desenvolver as suas faculdades de equilíbrio e coordenação. Importa referir a escolha do tom laranja para as cordas. O laranja é tido como a cor da diversão e da alegria, mas também projeta em si mesmo estímulos de socialização (Heller, 2012).⁸⁰ É esta multiplicidade de possibilidades na relação dos utilizadores com o espaço e entre eles próprios que se pretende alcançar.

No módulo B foram também projetados dois espaços distintos. Um espaço com redes que tanto poderá estimular as crianças a trepar, como colocar adultos a disfrutar de uma cama de rede (B-1). Nesta lógica de dois pisos dentro do mesmo módulo, o piso inferior aparenta não ter nenhuma funcionalidade, mas na verdade reveste-se de grande importância pois tem o objetivo de potenciar um importantíssimo instrumento mental que caracteriza sobretudo as crianças: a imaginação. Por muito simples que nos pareça uma estrutura para brincar, aos olhos de uma criança pode ser algo bastante complexo que lhes permita criar uma série de situações diferentes“ (Broto, 2006).⁸¹

⁷⁷ Obra cit., nota 73.

⁷⁸ Obra cit., nota 73.

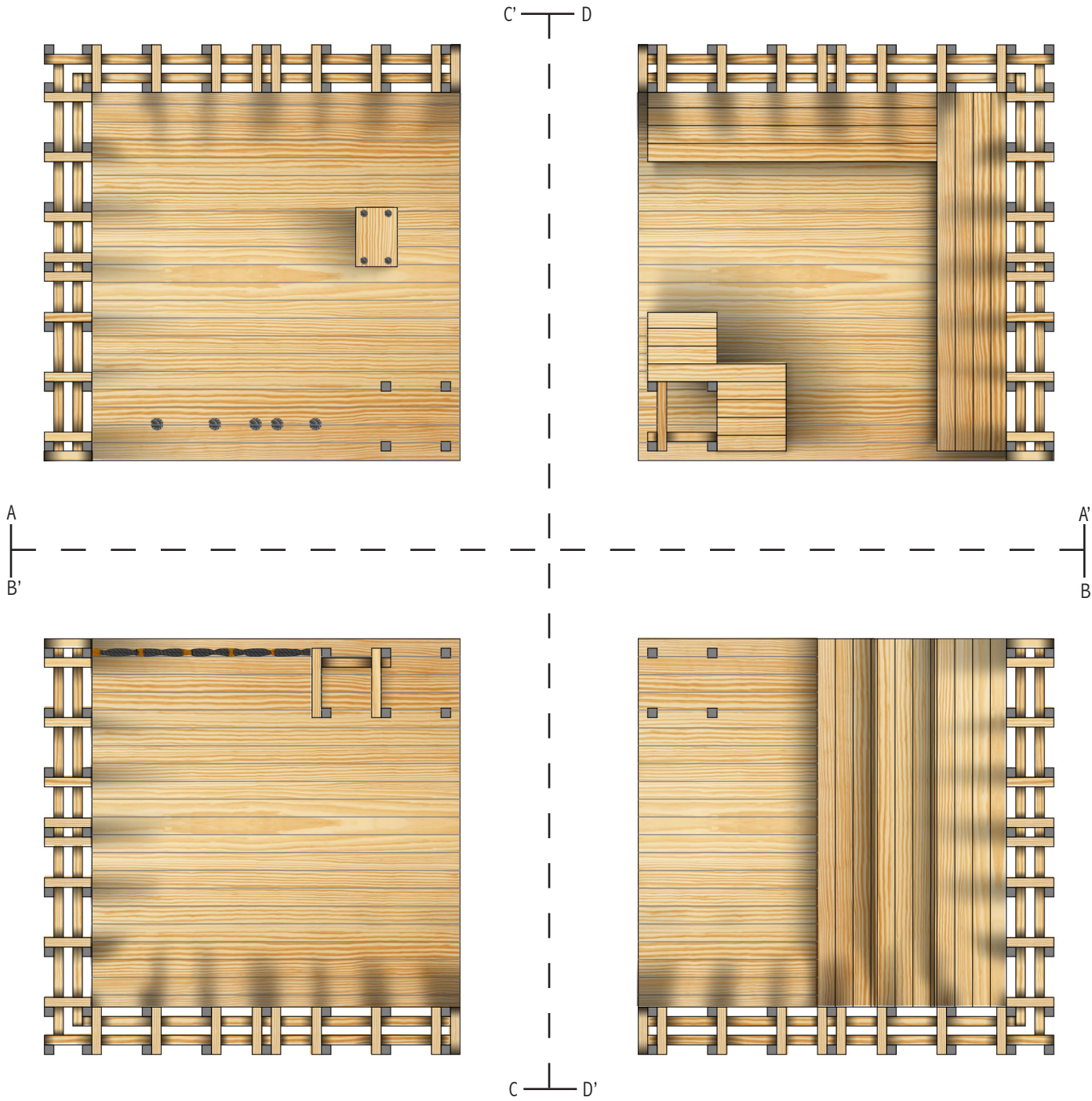
⁷⁹ Broto, C. (2006). *Nuevo diseño en espacios de juego*. Barcelona: Links.

⁸⁰ Heller, E. (2012) *A psicologia das cores*. Lisboa: Editorial Gustavo Gili.

⁸¹ Obra cit., nota 79.

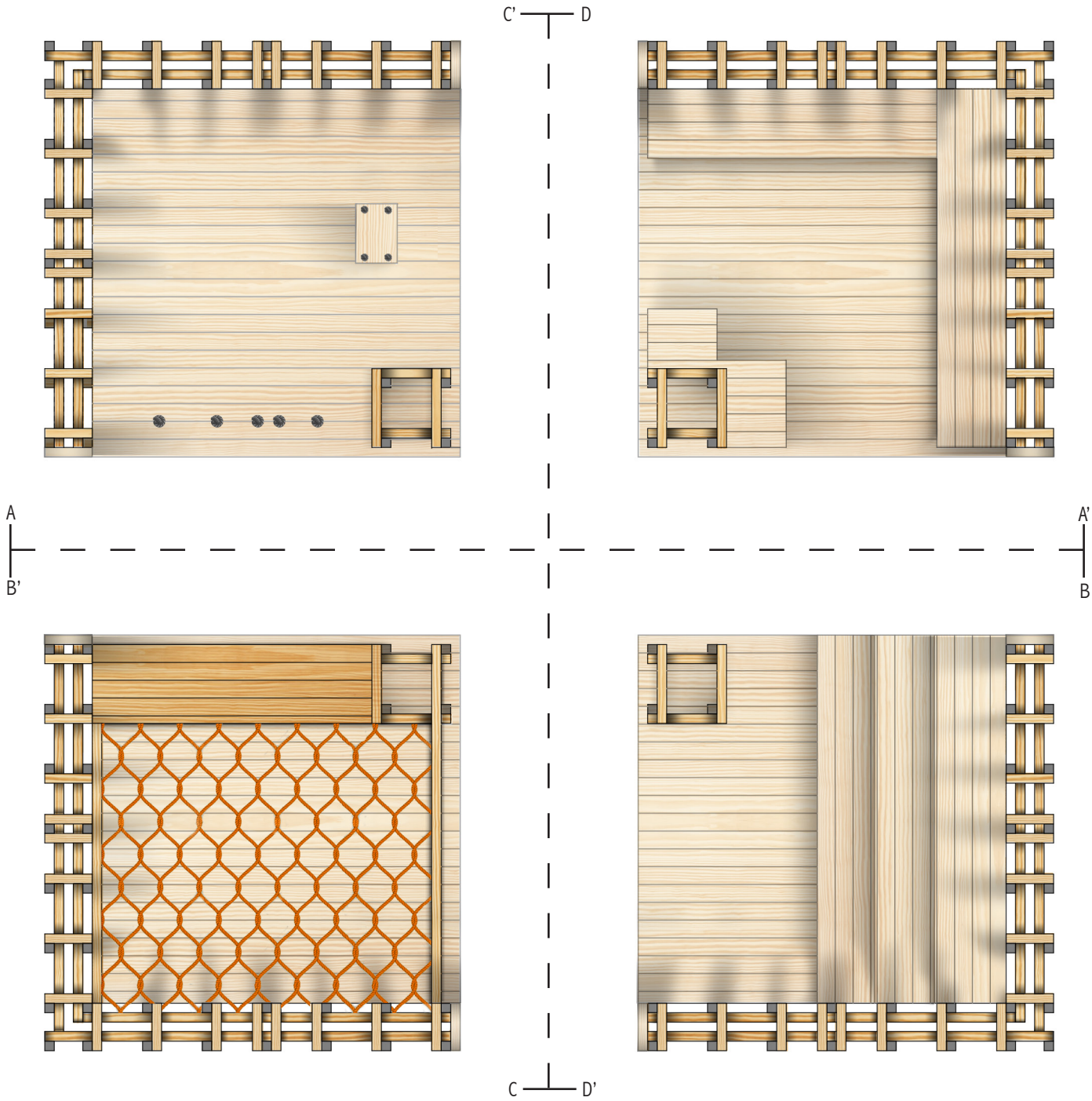
No espaço B-2 que se interliga com a área supracitada foram projetados bancos em forma de escada. Mais uma vez, é uma zona que poderá ter diferentes propósitos. Poderá servir de anfiteatro com a capacidade de albergar um número significativo de recém-chegados, o que de resto se revela essencial para os primeiros contactos liderados pelos operacionais de ONG no Porto de Augusta e mediadores culturais já referenciados neste trabalho. Além de possibilitar estes momentos de cariz oficial e obrigatório para quem chega, o espaço potenciará a socialização entre refugiados e migrantes que chegam de variadíssimos contextos geográficos e sociais. As próprias crianças poderão, uma vez mais, converter o espaço em mais um local para brincar, até pela disposição assimétrica dos bancos.

O foco principal deste projeto e da escolha destas áreas distintas inspira-se na máxima de Herman Hertzberger que refere que “(...) quanto maior a diversidade das partes, melhor a qualidade do todo” (Hertzberger, 1999, p.109, tradução livre).⁸²



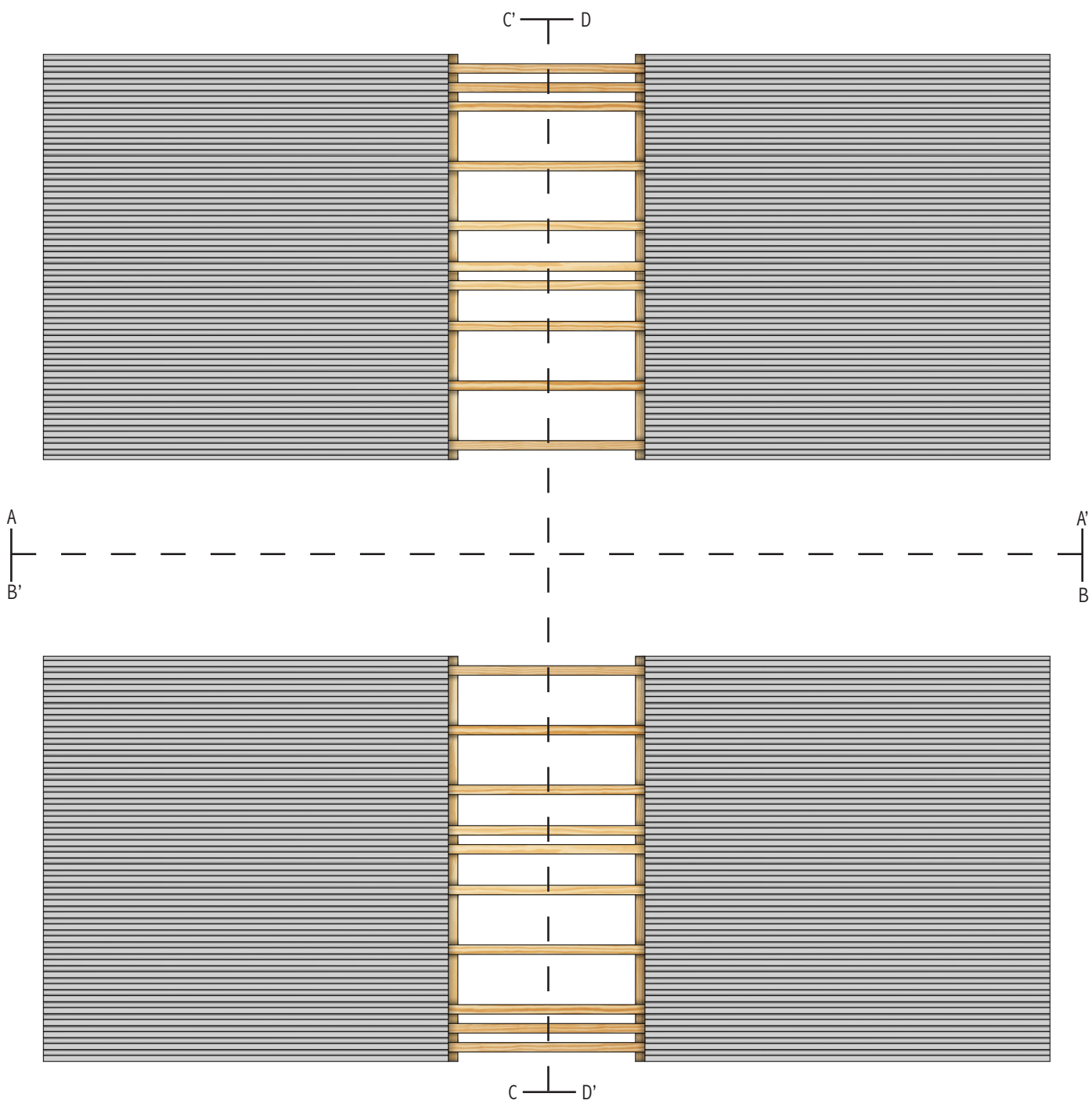
Planta 1 (nível 1,75 metros)

Escala 1/50



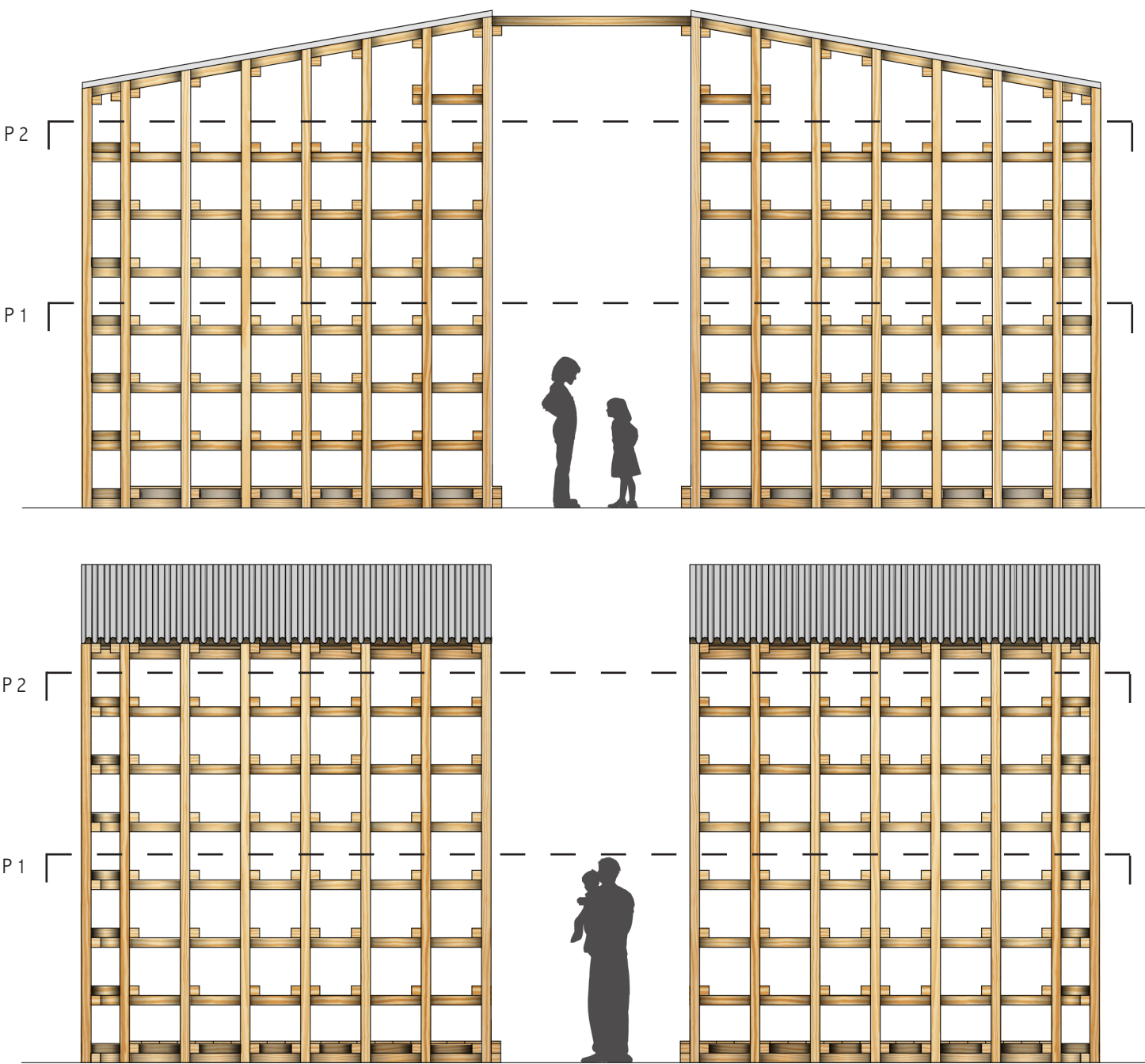
Planta 2 (nível 3,25 metros)

Escala 1/50



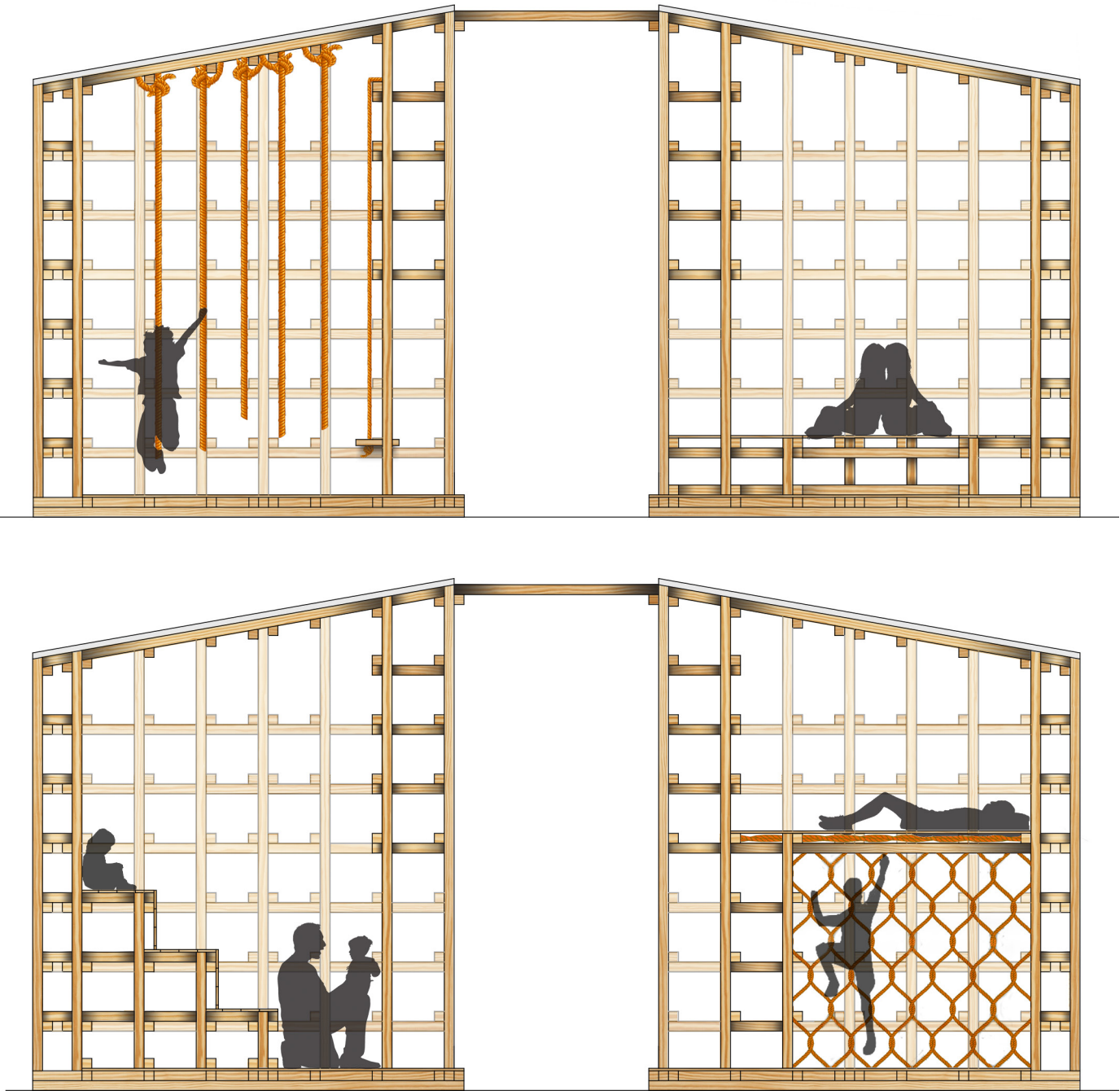
Planta Cobertura

Escala 1/50



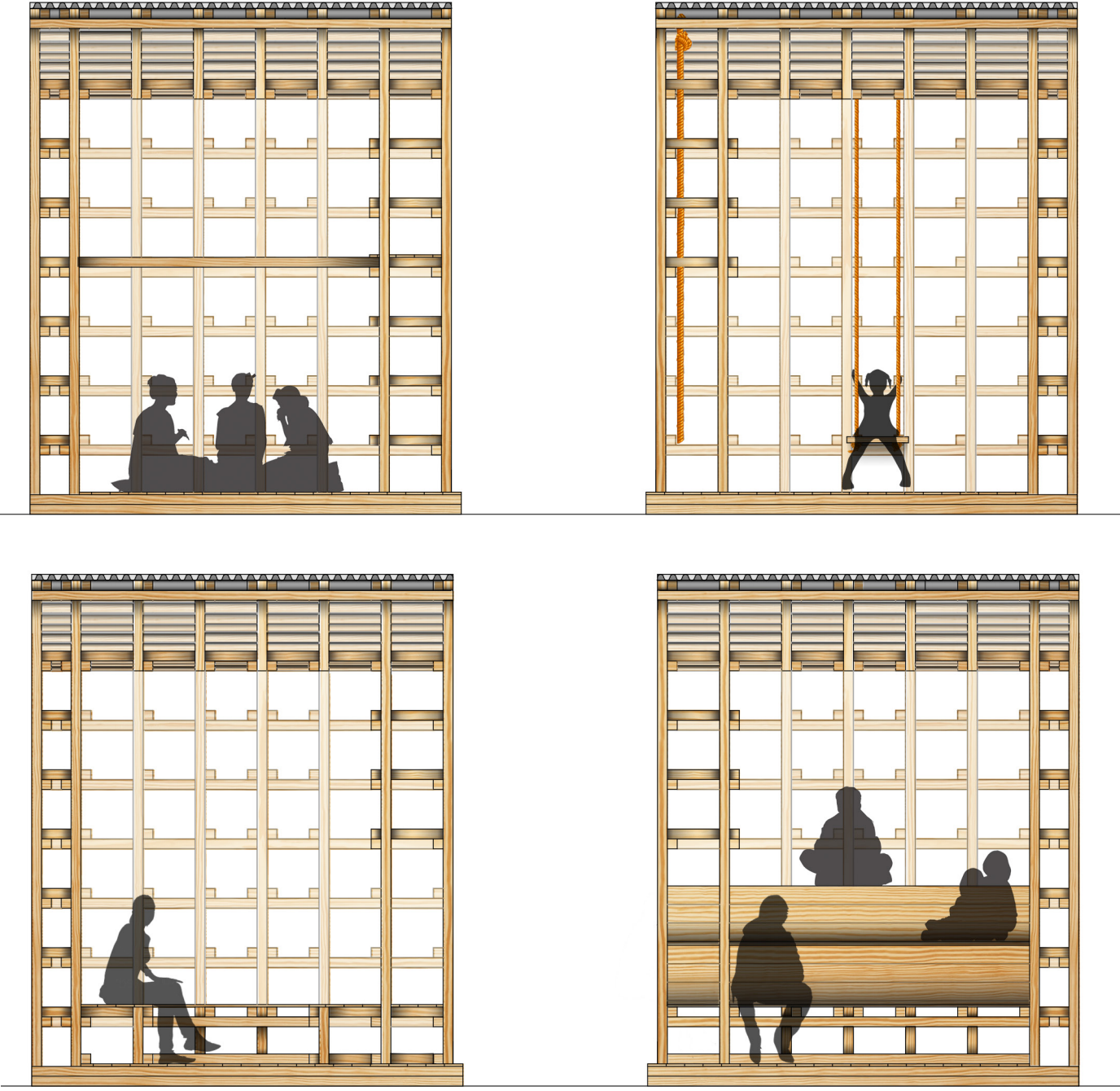
Alçado Frontal e Alçado Lateral

Escala 1/50



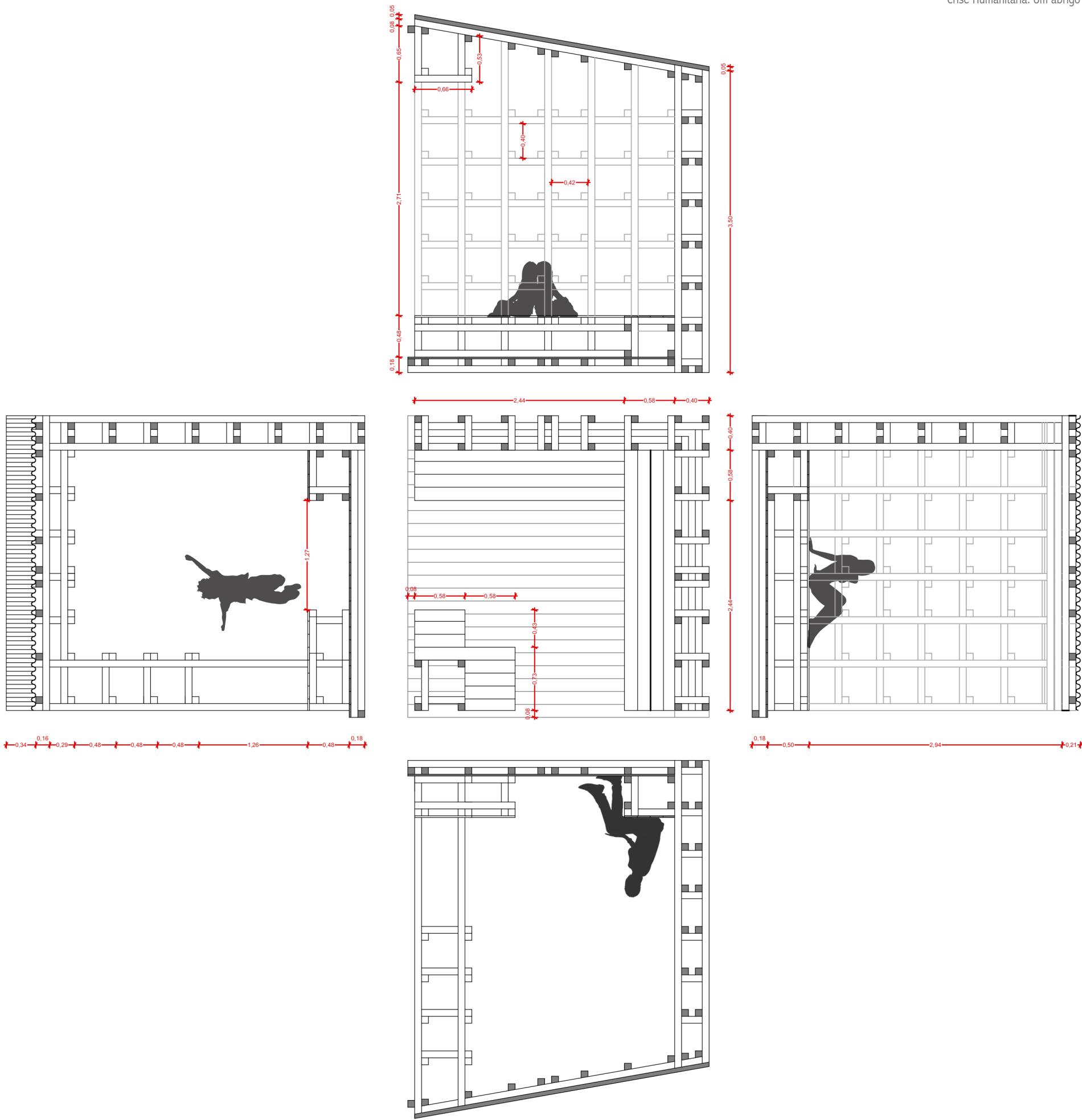
Cortes AA' e BB'

Escala 1/50



Cortes CC' e DD'

Escala 1/50



Módulo A-2: Desenho de pormenor e axonometria

Escala 1/50

Renders da Solução Projetual



Renders da Solução Projetual



Considerações Finais

A solução projetual que resulta deste trabalho de investigação é o resultado de vários meses de trabalho teórico, assente em pesquisas constantes para um total enquadramento e compreensão do problema que se visou responder; e naturalmente de trabalho prático com vários testes até chegar ao resultado desejado. Tornou-se óbvio, desde o primeiro momento, que seria impensável avançar para uma temática tão marcante como a Crise dos Refugiados e Migrantes, sem uma estruturação forte de todos os processos e passos do trabalho. Estamos perante o maior alarme humanitário deste século. Estamos a falar de milhões de indivíduos que arriscam as vidas para tentar chegar à Europa em busca de paz e de uma vida com dignidade. Mas sabemos que, por força do enorme fluxo, mas também por falta de vontade política em muitos casos, esse momento de chegada aos portos de acolhimento tem-se revelado muito complicado. E, por isso, é precisamente a sua dignidade que passa a estar em causa. As estruturas de abrigo estão pensadas para uma fase transitória, mas a permanência dos migrantes perpetua-se no tempo. E cada dia que passa, é mais um na vida em trânsito destes indivíduos. Enquanto se procuram resoluções definitivas, é possível e urgente melhorar as condições destes *hub e hotspots*. Foi precisamente isso que motivou este trabalho.

Quando surgiu a oportunidade de conhecer a professora Francesca de Filippi e as estudantes do curso de Arquitetura do Politécnico de Turim, Chiara Valzer e Verónica Bordieri, cuja tese visou também esta realidade, avançou-se de imediato para o contato. A partilha de experiências e a possibilidade de trabalhar num contexto real, neste caso o Porto de Augusta na Sicília, revelou-se essencial para projetar no espaço todas as ideias. Em Turim, partilhamos objetivos comuns e definimos pontos de contato importantes para os nossos trabalhos.

O conceito de Design Social e de Inclusão afigurou-se como um pilar de todo o trabalho. A utilização desta disciplina como forma de melhorar as condições de vida de milhões de refugiados e minorar o seu sofrimento, é precisamente a base desta tese. Design Social pressupõe a capacidade de provocar mudanças reais no mundo em que vivemos. Mais do que capacidade, pressupõe até responsabilidade, muito por força da escolha de soluções sustentáveis e foi precisamente por isso que se tomou a decisão de assentar todo o projeto num conceito de Autoconstrução. Optou-se por estruturas modelares, facilmente transpostas e replicáveis em espaços com características semelhantes. Foi escolhido um material com a capacidade de servir os propósitos e de ser reutilizável, neste caso a madeira. Aqui importa destacar o facto de o projeto se situar num porto comercial e industrial, o que facilita o acesso a esta matéria-prima, numa lógica de parceria e responsabilidade social das empresas envolventes.

No entanto a autoconstrução possibilita ainda a potenciação do capital humano e social. Não se trata de trabalho voluntário, antes de fomentar um espírito de integração, comunidade e pertença que é absolutamente crucial neste panorama em que vivemos.

Poder desenvolver este projeto, num espaço real, com acesso a testemunhos na primeira pessoa de quem dá a vida pelos refugiados e migrantes é algo que nunca será esquecido e poderá resultar numa segunda fase deste trabalho. A vida é feita de opções e esta foi seguramente uma das mais importantes. Hoje, pode dizer-se que se compreende melhor o fenómeno, que se está com mais atenção ao que acontece diariamente e, sobretudo, com a mesma vontade de ajudar a mudar da vida destas pessoas. Todo este trabalho é um humilde contributo para que um dia seja possível ver neste espaço social, nem que seja por um segundo, alguém a sorrir. Isso valerá todo o esforço.

Referências Bibliográficas

ACNUR (s.d.). *A missão do ACNUR*. Retirado em Outubro 31, 2016 de <http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/a-missao-do-acnur/>

ACNUR (2016). *Preguntas más frecuentes sobre ‘refugiados’ y ‘migrantes’*. Retirado em Novembro 3, 2016 de <http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/BDL/2016/10310>

ACNUR (s.d.). *Quién es un refugiado?*. Retirado em Setembro 22, 2016 de <http://www.acnur.org/a-quien-ayuda/refugiados/quien-es-un-refugiado/>

Amado, M., Pinto, A., Alcaface, A. & Ramalhe, I. (2015). *Construção sustentável Conceito e prática*. Portugal: Caleidoscópio.

Augusta Online (2016). Augusta : la crisi idrica tra allacci abusivi e disservizi indotti.. Retirado em Janeiro 7, 2017 de http://www.augustaonline.it/crisi_idrica_130716.html).

BBC (2016). *Migrant crisis: migration to Europe explained in seven charts*. –Retirado em Janeiro 20, 2017 de <http://www.bbc.com/news/world-europe-34131911>

Broto, C. (2006). *Nuevo diseño en espacios de juego*. Barcelona: Links.

Davis, A. (2016). *2016: a look at Europe’s ongoing migrant crisis*. Retirado em Janeiro 20, 2017 de <http://www.france24.com/en/20161222-2016-year-europe-ongoing-migrant-crisis>

Diário de Notícias (2016). *Costa de Itália recebeu neste ano um número record de refugiados*. Retirado em Janeiro 10, 2017 de <http://www.dn.pt/mundo/interior/costa-de-italia-recebeu-neste-ano-um-numero-recorde-de-refugiados-5561656.html>

Edwards, A. (2015). *Refugiado ou migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto*. Retirado em Outubro 10, 2016 de <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>

Euronews (2016). *O que acontece agora com o acordo UE e Turquia sobre refugiados*. Retirado em Outubro 7, 2016 de <http://pt.euronews.com/2016/03/24/o-que-acontece-agora-com-o-acordo-eu-turquia-sobre-refugiados>

GDDC (s.d.). *Convenção relativa aos direitos dos refugiados*. Retirado em Setembro 22, 2016 de <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dr-conv-estatuto-refugiados.html>

Guterres, A. (2016). *Statement by UN High Commissioner for Refugees, António Guterres on refugee crisis in Europe*. Retirado em Fevereiro 4, 2017 de <http://www.unhcr.org/news/press/2015/9/55e9459f6/statement-un-high-commissioner-refugees-antonio-guterres-refugee-crisis.html>

Heller, E. (2012) *A psicologia das cores*. Lisboa: Editorial Gustavo Gili.

Hertzberger, H. (1999). *Lições de arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.

IOM (2014). *IOM in Italy*. Retirado em Outubro 13, 2016 de <http://www.iom.int/countries/italy>

IOM (s.d.). *Migrazione e integrazione socio-economica*. Retirado em Novembro 3, 2016 de <http://www.italy.iom.int/it/aree-di-attività/migrazione-e-lavoro>

Margolin, Victor (2014). *Design e Risco de Mudança*. ESAD, Coleção Design e, No1, Vila do Conde: Verso da História.

Médecins Sans Frontières (2015). *International activity report 2015*. Retirado em Outubro 14, 2016 de http://www.msf.org/sites/msf.org/files/international_activity_report_2015_en_2nd_ed_0.pdf

Ministero dell'Interno (2016). *Piano accoglienza 2016 Tavolo di coordinamento nazionale*. Retirado em Novembro 8, 2016 de www.interno.gov.it/it/temi/...e.../sistema-accoglienza-sul-territorio

Ministero dell'Interno (2015). *Roadmap italiana*. Retirado em Novembro 9, 2016 de www.meltingpot.org/IMG/pdf/roadmap-2015.pdf

NATO (2016). *Statement*. Retirado em Fevereiro 4, 2017 de http://www.nato.int/cps/en/natohq/opinions_128372.htm

Open Migration (s.d.). *Centri di Accoglienza Straordinária*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <https://openmigration.org/glossary-term/centri-di-accoglienza-straordinaria-cas/>

Red Cross E.U. Office (2013). *Mapping of the migration activities of European National Red Cross Societies 2012-2013 update*. Retirado em Novembro 3, 2016 de http://redcross.eu/en/upload/documents/pdf/2013/Migration/ITALY_mapping_FINAL_10.2013.pdf

Save the Children (2016). *Forced to flee Inside the 21st largest country*. Retirado em Outubro 1, 2016 de http://www.savethechildren.org/atf/cf/%7B9def2ebe-10ae-432c-9bd0-df91d2eba74a%7D/FORCED_TO_FLEE.PDF

Save the Children (s.d.). *History*. Retirado em Outubro 14, 2016 de <http://www.savethechildren.org/site/c.8rKLIXM-Glpl4E/b.6229507/k.C571/History.htm>

Save the Children (s.d.). *Refugee children Crisis*. Retirado em Outubro 14, 2016 de http://www.savethechildren.org/site/c.8rKLIXMGlpl4E/b.9311443/k.5C24/Refugee_Children_Crisis.htm?msource=weklprcr1115

Save the Children (2016). *Search, rescue, save*. Retirado em Novembro 3, 2016 de <https://savethechildreninternational.exposure.co/search-rescue-save>

Sennet, R. (2008). *The Craftsman*. Connecticut: Yale University Press.

Siracusa News (2016). *Augusta, dipendenti comunali impiegati nell'accoglienza dei migranti. accumulati 300mila euro di straordinario non retribuito*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <http://www.siracusanews.it/augusta-dipendenti-comunali-impiegati-nellaccoglienza-dei-migranti-accumulati-300mila-euro-di-straordinario-non-retribuito/>.

Shaftoe, H. (2008). *Convivial urban spaces*. UK: Earthscan.

SPAR (s.d.). *SPAR e Servizio centrale*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <http://www.sprar.it/la-storia>

Tennant, V. & Janz, J. (2009). *Refugee protection and international migration: a review of UNHCR's operational role in southern Italy*. Retirado em Novembro 3, 2016 de <http://www.unhcr.org/4ac35c600.pdf>

Terre des Hommes (s.d.). *Emergency*. Retirado em Janeiro 4, 2017 de <http://www.terredeshommes.org/causes/responding-emergency/>

Terre des Hommes (s.d.). *Our story*. Retirado em Janeiro 4, 2017 de <http://www.terredeshommes.org/about/our-history/>

Trier, J. (1994). *Alto comissariado das Nações Unidas para os refugiados*. Reino Unido: Exley Publications.

UNHCR (2017). *Mediterranean: dead and missing at sea*. Retirado em Fevereiro 5, 2017 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/regional.php>

UNHCR (2017). *Refugees & migrants sea arrivals in Europe*. Retirado em Fevereiro 5, 2017 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/regional.php>

UNHCR (2016). *Refugees/migrants emergency response – Italy*. Retirado em Outubro 7, 2016 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/country.php?id=105>

UNHCR (2016). *Italy – Sea arrivals dashboards*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/country.php?id=105>

UNHCR (2016). *Italy – Sea arrivals january 2016*. Retirado em Outubro 7, 2016 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/country.php?id=105>

UNHCR (2016). *Italy – Unaccompanied and separated children (UASC) dashboard*. Retirado em Janeiro 7, 2017 de <http://data.unhcr.org/mediterranean/country.php?id=105>

Lista de Imagens

Imagem 1: https://www.buzzfeed.com/georgepkbutler/these-paintings-capture-the-refugee-crisis-better-than-any-p?utm_term=.fc6A3Q2Km#.kcZdJ78zK

Imagem 2: <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/if-these-extraordinarily-powerful-images-of-a-dead-syrian-child-washed-up-on-a-beach-don-t-change-10482757.html>

Imagem 3: <http://www.aljazeera.com/indepth/inpictures/2015/06/migrants-greece-struggle-life-150602111642000.html>

Imagem 4: <http://www.aljazeera.com/news/2016/05/syria-civil-war-explained-160505084119966.html>

Imagem 5: <http://www.bbc.com/news/world-europe-24521614>

Imagem 6: <http://data.unhcr.org/mediterranean/regional.php>

Imagem 7: <http://www.nydailynews.com/news/world/migrants-truck-included-syrian-iraqi-afghan-refugees-article-1.2348616>

Imagem 8: <https://www.kickstarter.com/aidrefugees>

Imagem 9: <http://blogs.savethechildren.org.uk/2015/09/refugee-crisis-what-were-doing-to-help/>

Imagem 10: <http://www.msf.org/en/article/hungary-msf-providing-medical-care-refugees-serbia-hungary-border>

Imagem 11: <http://dailysignal.com/2015/11/17/gop-lawmakers-prepare-to-order-pause-to-syrian-refugees-entering-us/>

Imagem 12: <http://www.iom.int/sitreps/europe-mediterranean-migration-crisis-response-situation-report-22-september-2016>

Imagem 13: <http://www.terredeshommes.org/causes/children-on-the-move/>

Imagem 14: <https://www.tdh.ch/en/media-library/galleries/ensyria-jordanemergency-refugees>

Imagem 15: <http://data.unhcr.org/mediterranean/regional.php>

Imagem 16: <http://pt.euronews.com/2016/03/24/o-que-acontece-agora-com-o-acordo-eu-turquia-sobre-refugiados>

Imagens 17 a 21: <http://data.unhcr.org/mediterranean/country.php?id=105>

Imagem 22: <http://theconversation.com/for-migrants-in-sicily-group-expulsion-is-the-order-of-the-day-but-is-it-legal-49611>

Imagem 23: Mapa explicativo do sistema de acolhimento italiano

Imagem 24: <http://tomclarkblog.blogspot.pt/2016/09/species-oatmeal-for-refugees.html>

Imagens 25 a 27: Fotografia Porto de Augusta da autoria de Chiara Valzer e Veronica Bordieri

Imagens 28 e 29: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3050498/The-parents-gambling-chance-new-life-Latest-migrant-vessel-arrives-Italy-packed-young-children.html>

Imagens 30 e 31: Vista aérea do Porto de Augusta com a solução projetual.

Imagens 32 e 33: Montagem da solução projetual no porto.

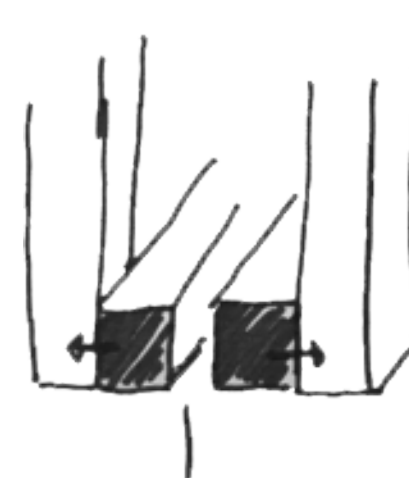
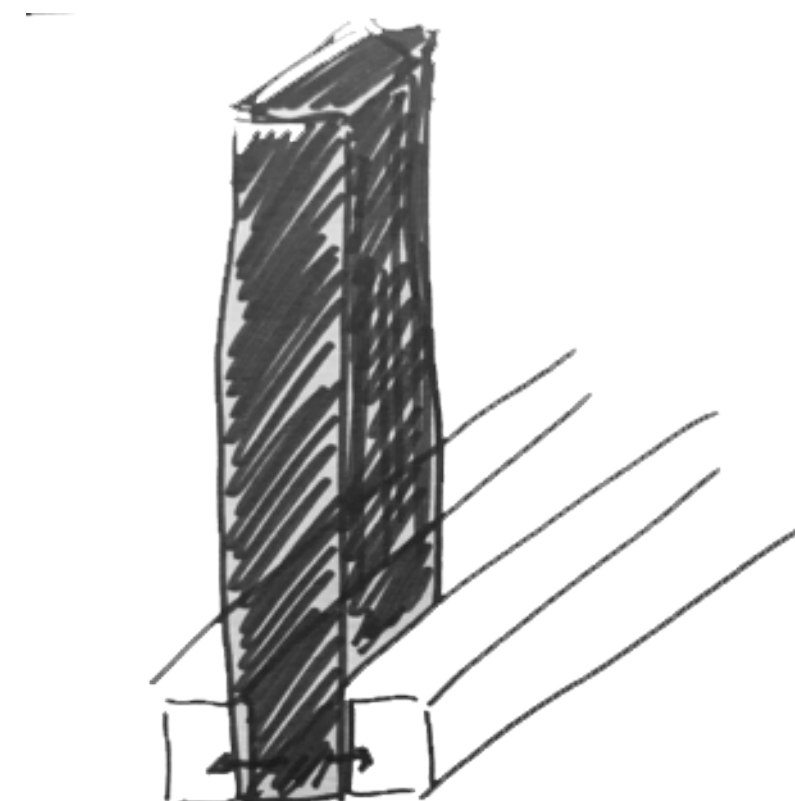
Imagens 34 e 35: <http://www.archdaily.com.br/br/782254/louisiana-hamlet-pavilion-de-selgascano-sera-reutilizado-como-escola-na-favela-de-kibera-nairobi>

Imagens 36 e 37: <https://www.hometeka.com.br/f5/playground-sam-pam/#jp-carousel-24880>

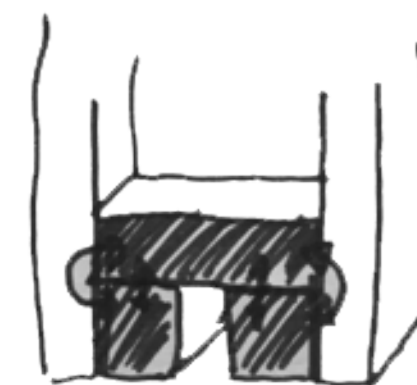
Imagens 38 e 39: <http://www.arq4design.com/tododesign/los-trompos-interactive-design-installation-by-hector-esrawe-ignacio-cadena-at-high-museum-of-art-atlanta/>

Imagens 40 a 50: Desenhos técnicos.

Imagens 51 a 54: Renders da solução projetual.



vão?



Interviste svolte durante il sopralluogo al Porto di Augusta ad un poliziotto della Polizia di Stato e due operatrici dell'associazione Terre des Hommes, tra cui una psicologa.

INTERVISTA AL POLIZIOTTO

In quali strutture vengono accolti gli immigrati?

Attualmente vengono utilizzate le stesse tensostrutture dei terremotati che appartengono alla Protezione Civile. Qui mangiano, dormono e passano il resto delle loro giornate.

Per quanto tempo rimangono in queste strutture temporanee?

Vengono trattenuti il tempo strettamente necessario affinché abbiano la prima assistenza (vestiario, cibo, ecc.) fin quando poi non c'è la possibilità di distribuirli in territori nazionali. I minori non accompagnati, secondo la nuova normativa, vengono curati dal comune dove sbarcano; questo è un grosso problema poiché i minori non accompagnati sono troppi, e finché il governo non dà delle strutture organizzative adatte a loro, rimangono purtroppo in queste tensostrutture. Ci sono già ONG che si occupano di assisterli psicologicamente e dal punto di vista medico. Tempi di permanenza 1-2 giorni massimo, sul territorio 6 mesi.

Che tipo di cibo gli viene dato?

Cibi preconfezionati precotti.

Quanti minori non accompagnati sono arrivati l'altro ieri, quando c'è stato l'ultimo sbarco?

50 per l'esattezza, e in questi giorni ne aspettiamo altri.

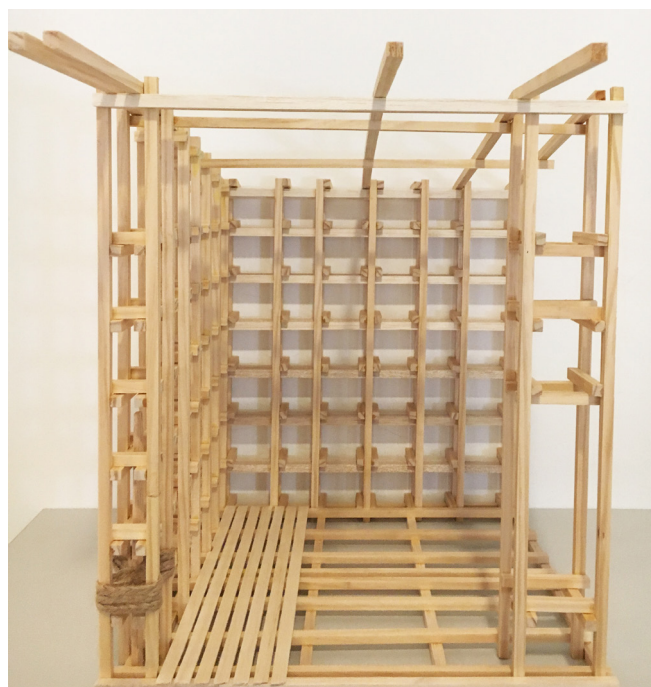
Secondo lei, la struttura dove potrebbe essere collocata? Quale potrebbe essere un posto strategico rispetto al punto di sbarco?

All'ingresso del campo, la prima cosa che fai è il controllo sanitario. Una volta superato il controllo sanitario, si passa alle operazioni di sicurezza che vengono svolte tutt'intorno al campo; quindi deve essere una zona facilmente vigilabile, controllabile dai quattro lati. Sicuramente la struttura potete collocarla in una zona centrale, in modo tale che può essere oggetto di attenzione, che può essere controllata da ogni lato del campo, in modo da averla sempre sott'occhio. Adesso gli arrivi si sono molto allentati. Ci sono stati momenti in cui arrivavano anche 1000-2000 persone, non solo in estate ma anche nel periodo invernale. Una delle esigenze primarie è quella di dividere gli uomini dalle donne, gli adulti dai minori, le famiglie dai minori non accompagnati. Il modo in cui passano il tempo è una questione importante.

INTERVISTA ALL'OPERATRICE DI TERRES DES HOMME

Volevamo capire quali sono i bisogni e se sarebbe utile una struttura pensata fundamentalmente per la socialità e l'intrattenimento dei ragazzi e dei bambini.

Sarebbe utile, secondo il mio punto di vista e della mia collega psicologa, un mezzo di comunicazione per chiamare o avvisare i parenti che sono arrivati, che stanno bene. Questa è una richiesta insistente in ogni sbarco, che proviene proprio dagli immigrati. La traversata è pericolosa, ci sono tanti annegamenti, quindi la famiglia rimasta nei paesi d'origine è preoccupata e la prima cosa che pensano gli immigrati, soprattutto i minori, è di avvisare e tranquillizzare la famiglia che sono arrivati e che stanno bene. Una delle prime operazioni di accoglienza, inoltre, consiste nell'informare gli immigrati appena arrivati su dove sono e cosa gli aspetta; quindi viene svolta un'attività informativa legata alle fasi e alle scelte che si troveranno ad affrontare. A tal fine, vengono fornite anche delle brochure in lingua originale. Quindi prima dell'intrattenimento vero e proprio sarebbe opportuno considerare queste attività, magari pensando di poterle svolgerle in questa struttura che volete progettare.



Di cosa si occupa la vostra associazione Terres des Homme? Siete una ONG?

Siamo qua per occuparci proprio dei minori non accompagnati, i bambini e le famiglie. Noi di Terres des Homme siamo una fondazione con sede a Milano, ma abbiamo anche altre sedi in Europa.

Lavorate anche in altri porti o solo qui ad Augusta?

Alcuni lavorano anche all’hotspot di Pozzallo, a Scicli; altri lavorano nei centri di Priolo, Caltagirone.

Qual è la presenza dei minori non accompagnati?

Di solito costituiscono il 10%. Ma dipende. Qualche tempo fa in uno sbarco ci sono stati 100 minori non accompagna- ti. In questo momento, su 50 immigrati che sono attualmente presenti al campo, sono 32 i minori non accompagnati. Ieri sono state trasferite 14 ragazze minori, tra cui anche una ragazza minorenni con un neonato di 3 mesi. Arrivano anche famiglie ma sono quasi sempre costituite tutte da minori: ad esempio c’è stata, poco fa, una famiglia composta da due sorelle, una di 10 e una di 14 anni ed un fratello di 8.

INTERVISTA ALLA PSICOLOGA DI TERRES DES HOMME

Quali sono le condizioni in cui vengono accolti gli immigrati che sbarcano al porto?

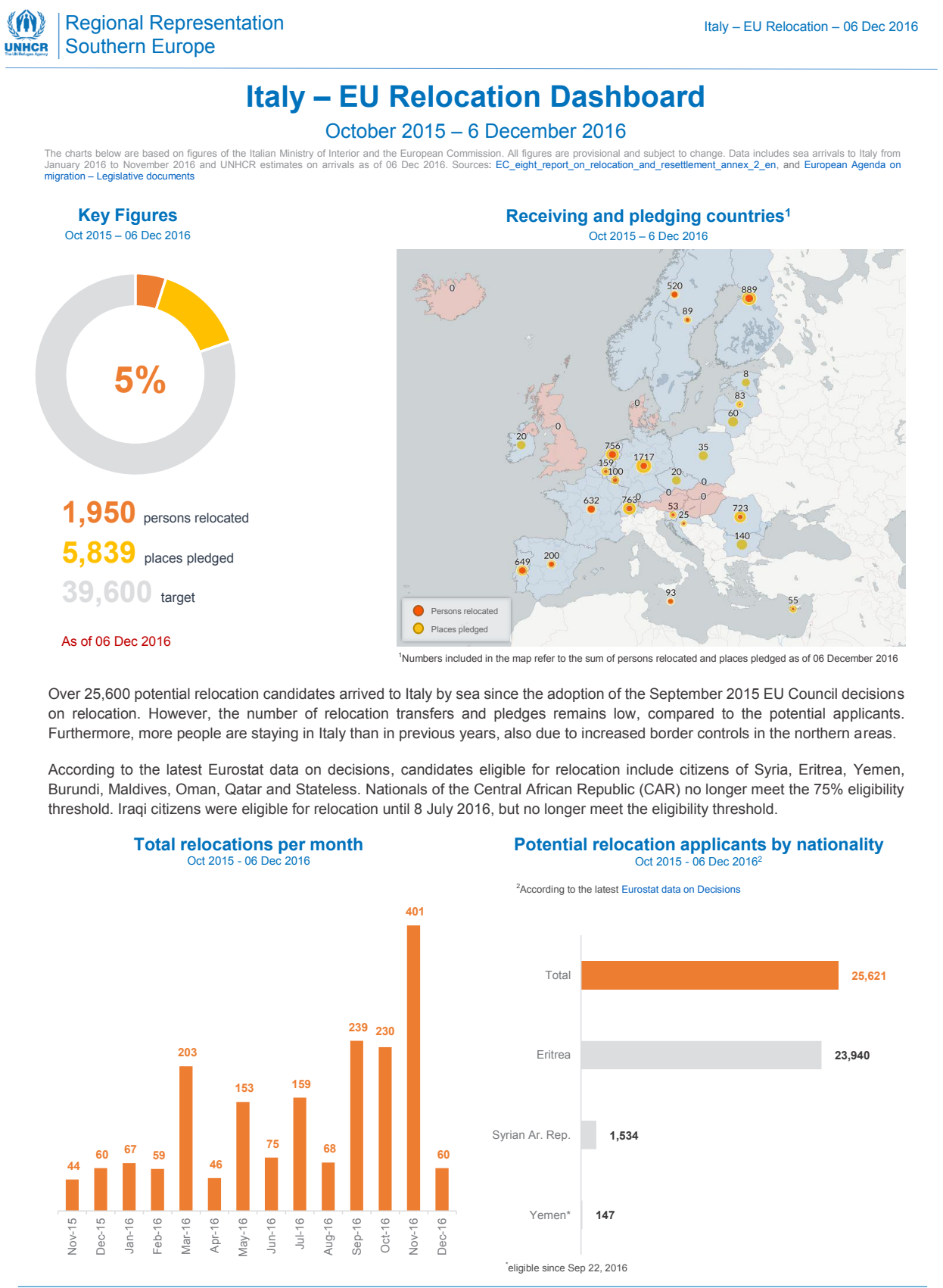
Vi sono condizioni climatiche pessime. Le tende non proteggono dal caldo e dal freddo, quindi la prima esigenza, visto la posizione geografica dell’insediamento temporaneo, è quella di inserire una struttura che sicuramente li protegga dalle condizioni climatiche.

Quali sono le esigenze primarie da soddisfare qui in porto tramite una struttura diversa e accogliente?

Dovrebbe essere innanzitutto una struttura pensata come di transito, temporanea, di primissima accoglienza, appun- to. Di solito, come voi sapete, per progettare un qualsiasi tipo di ambiente bisognerebbe capire bene la natura del luogo, e purtroppo qui ancora non è stata compresa. L’ideale sarebbe una struttura sicuramente più pesante, così in caso di vento rimane resistente e solida. Poi bisognerebbe far passare il concetto che una certa permanenza al porto ineffetti c’è, perché strutture governative non ce ne sono! Quindi dal punto di vista abitativo, la prima esigenza è riuscire a garantire un comfort ergonomico, soprattutto legato, come detto prima, alle condizioni climatiche. Queste strutture inoltre non garantiscono alcun tipo di privacy, anche se in realtà i minori vengono ospitati nelle tende più piccole che offrono una maggior privacy rispetto ai tendoni. Quindi c’è la necessità di riorganizzare un po’ tutto. A livello di comfort non c’è niente, ci sono le brandine, pareti inesistenti se non di stoffa, quindi qualsiasi cosa mettiate è sempre una cosa in più rispetto a quella che c’è. Anche le mamme con i bambini piccoli sono in difficoltà perché i bagni sono dislocati, non c’è nessun collegamento tra servizi igienici e spazio notturni, infatti se piove diventa difficile rag- giungere i servizi igienici. Questi sono dei “lussi” che non esistono e che comunque alla fine sono necessità primarie e di primaria importanza. Non ci sono spazi per appoggiare il bambino durante il cambio del pannolino e non ci sono spazi per far giocare i bambini. Quest’ultimo per esempio noi lo facciamo su dei tappeti gialli che mettiamo a terra all’interno delle tende. D’estate, per l’ombra, utilizzavamo un gazebo, che poi è volato, sotto cui mettevamo i tappeti. In questo periodo autunnale, quando il clima era ancora mite, abbiamo utilizzato i tappeti o fuori o anche dentro i tendoni, in cui c’è un pavimento in legno. Lo spazio dei bambini però è sempre in mezzo al frastuono degli adulti ecc, quindi non c’è uno spazio per loro in cui puoi isolare la situazione e coinvolgere magari soltanto le madri. C’è anche da dire però che ineffetti i bambini non rimangono qui per molto tempo, 3 giorni al massimo, ma quando però arriva uno sbarco più numeroso, potrebbe succedere che permangono qui molto più tempo, quindi c’è la necessità di una struttura migliore, più accogliente.

I minori non accompagnati, come sono organizzati?

I ragazzi non hanno un’area di movimento, di svago, o privacy, hanno giusto un posto per dormire e basta, che poi sarebbero le tende della Protezione Civile. Stanno stretti ed è molto difficile passare giornate intere in queste condizioni.





Italy - Unaccompanied and Separated Children (UASC) Dashboard

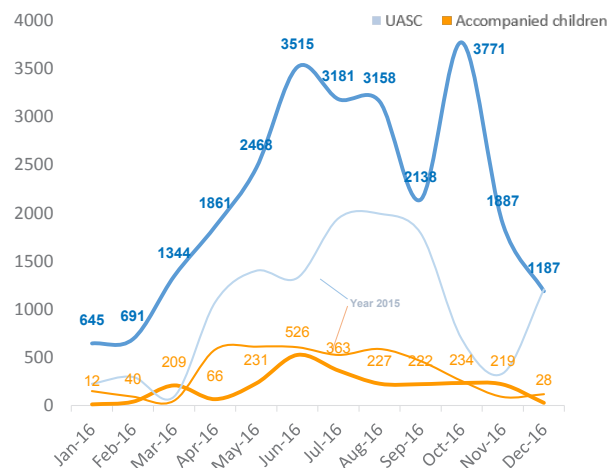
January – December 2016



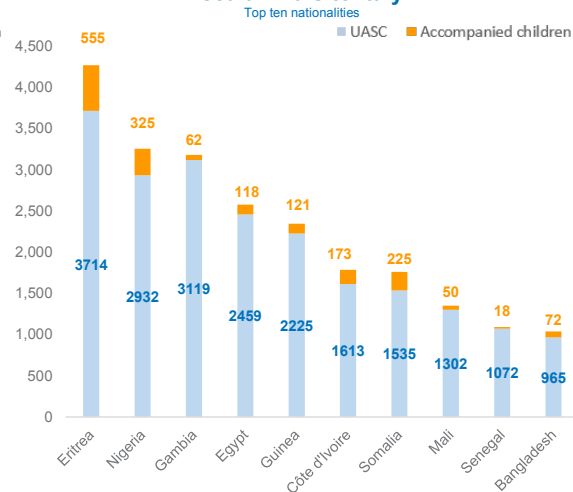
(91%) of children are UASC

Between 1 January and 31 December 2016, 28,223 children arrived to Italy by sea: over 91% of children arrived unaccompanied (25,846). UASC account for some 14% of all sea arrivals in the above period, an increase of around 109% compared to 2015.

UASC and accompanied children sea arrivals trend



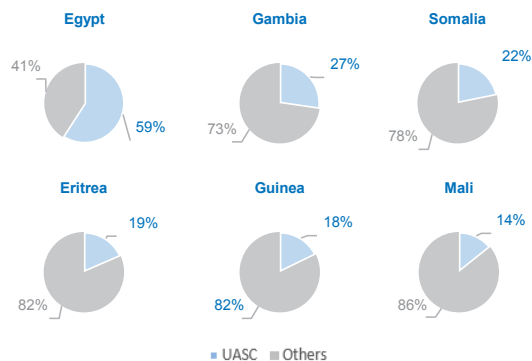
UASC and accompanied children: sea arrivals to Italy



A progressive increase in UASC arriving by sea was noted since the beginning of the year, with a sharp increase especially in October, when 3,771 UASC arrived (out of 27,384 total sea arrivals), the highest monthly total in the last four years.

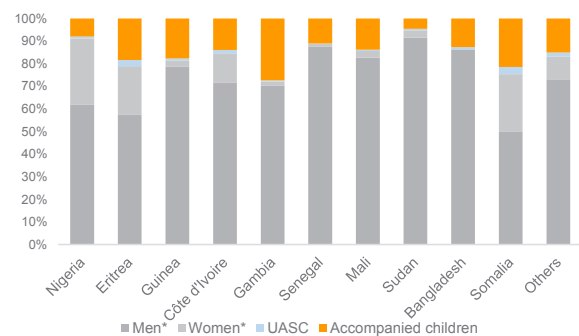
UASC arriving by sea in 2016 are most commonly from Eritrea, The Gambia and Nigeria. The number of Eritrean UASC arriving this year increased by 24% compared to the number recorded in 2015 (2,995). Notably, UASC now account for 18% of all Eritrean sea arrivals, up from last year's 8%. The numbers of both Gambian and Nigerian UASC rose significantly compared to last year (plus 150% and plus 197%, respectively). Since the beginning of the year, 3,257 Gambian, 3,040 Nigerian and 2,467 Egyptian UASC were rescued and have disembarked in Italy.

Proportion of UASC by nationality on total sea arrivals



58% of all Egyptians who arrived by sea in 2016 period are UASC, the highest proportion of all nationalities. UASC from The Gambia represent the second highest proportion, accounting for 27% of all Gambians, up from last year's 13%. Among Nigerian sea arrivals, UASC account for 8%.

Distribution by age, gender, UASC and accompanied children by nationality



* The groups of men and women refer to persons over 18 year old.

Most UASC arriving by sea are boys and are 16 and 17 years old. However, exact figures on gender are currently unavailable.

The charts are based on figures from the Italian Ministry of Interior. All figures are provisional and subject to change.

United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) – data.unhcr.org/mediterranean



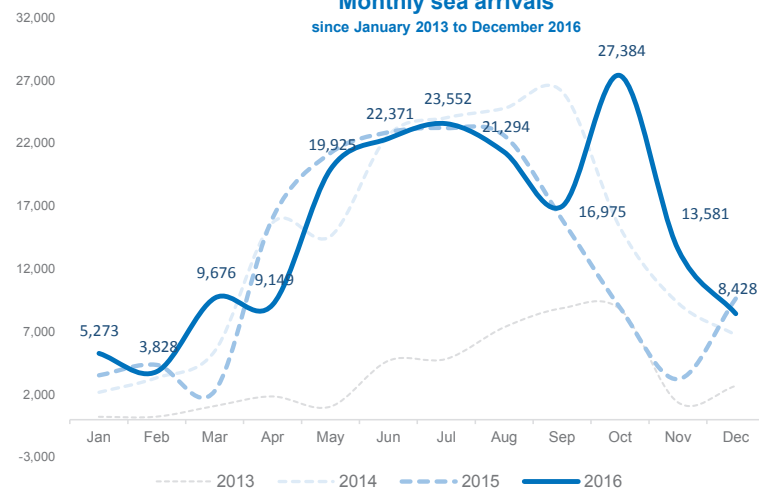
Italy Sea Arrivals Dashboard

January – December 2016



Sea arrivals Jan-Dec 2016

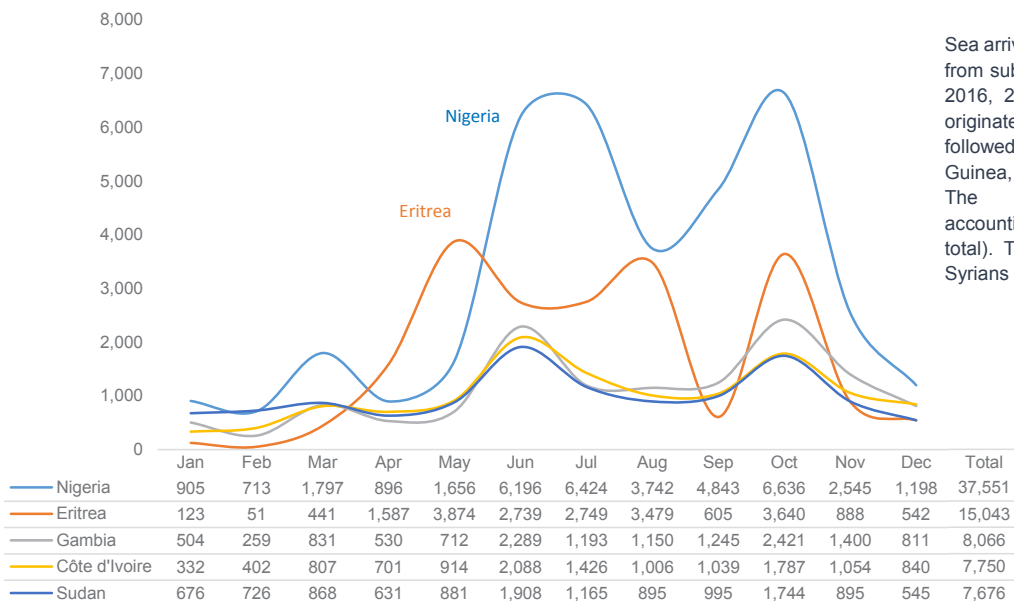
Sea arrivals Jan-Dec 2015

Monthly sea arrivals
since January 2013 to December 2016

Between 1 January and 31 December 2016, 181,436 persons arrived to Italy by sea, compared to 153,842 sea arrivals in 2015. This represents an 18% increase compared to last year.

The arrival trend in the first nine months of 2016 is consistent with previous years, with a surge from spring onwards and a peak in the summer months. This pattern changed in October when numbers peaked and continued to be unseasonably high in November. December arrivals this year (8,428) were instead lower than numbers recorded over the same period of 2015 (9,637). Fluctuations on a monthly basis may be linked to various factors including favourable weather and sea conditions as well as the situation in the country of departure and the capacity of smugglers to organize departures.

Sea arrivals: top 5 nationalities by month

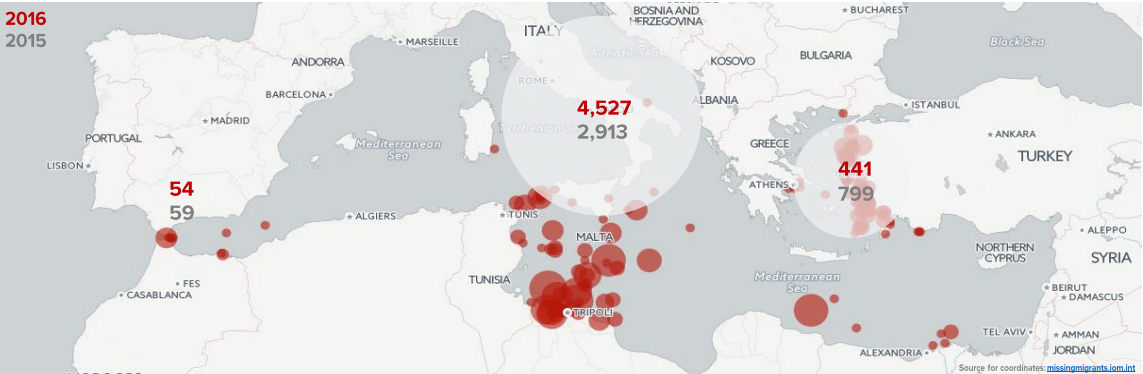


Sea arrivals originate mainly from sub-Saharan Africa. In 2016, 21 % of all arrivals originated from Nigeria, followed by Eritrea (11%), Guinea, Côte d'Ivoire and The Gambia (each accounting for 7% of the total). The arrival figure of Syrians (0.7%) remains low.

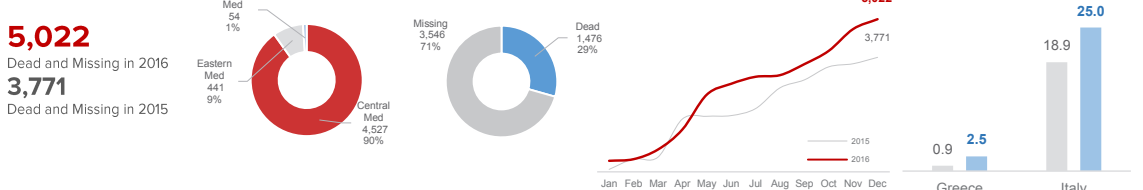
The charts below are based on figures from the Italian Ministry of Interior and UNHCR estimates. All figures are provisional and subject to change.

United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) – data.unhcr.org/mediterranean

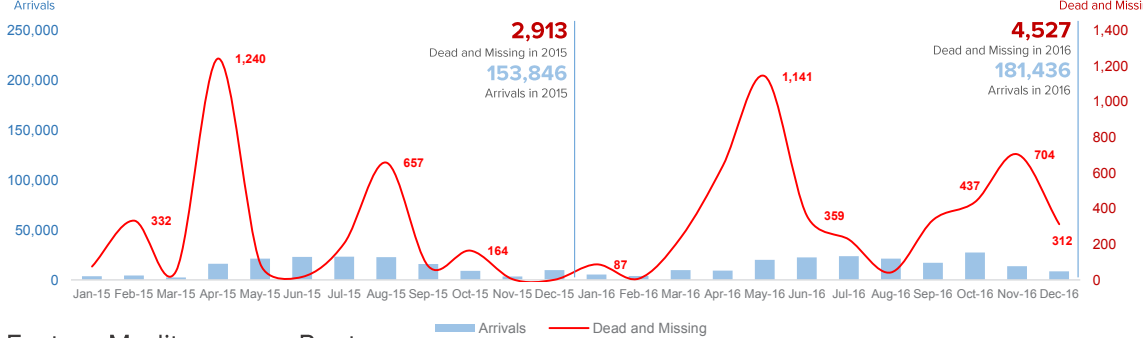
Number of Dead and Missing by Route



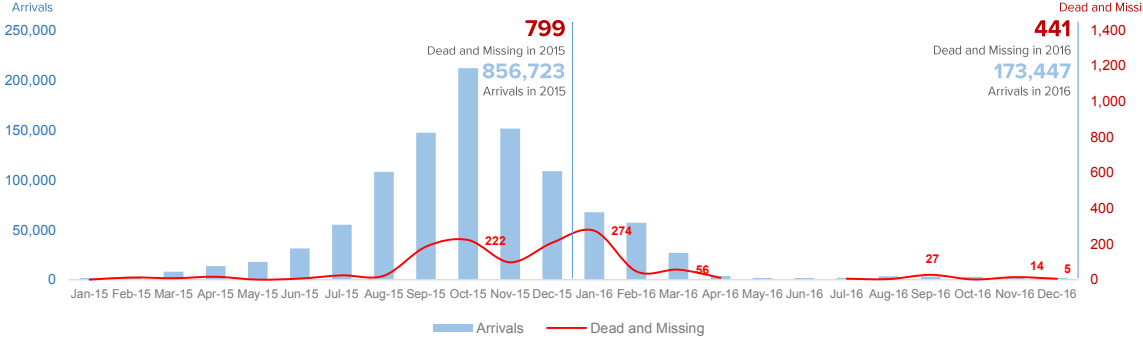
Key Figures



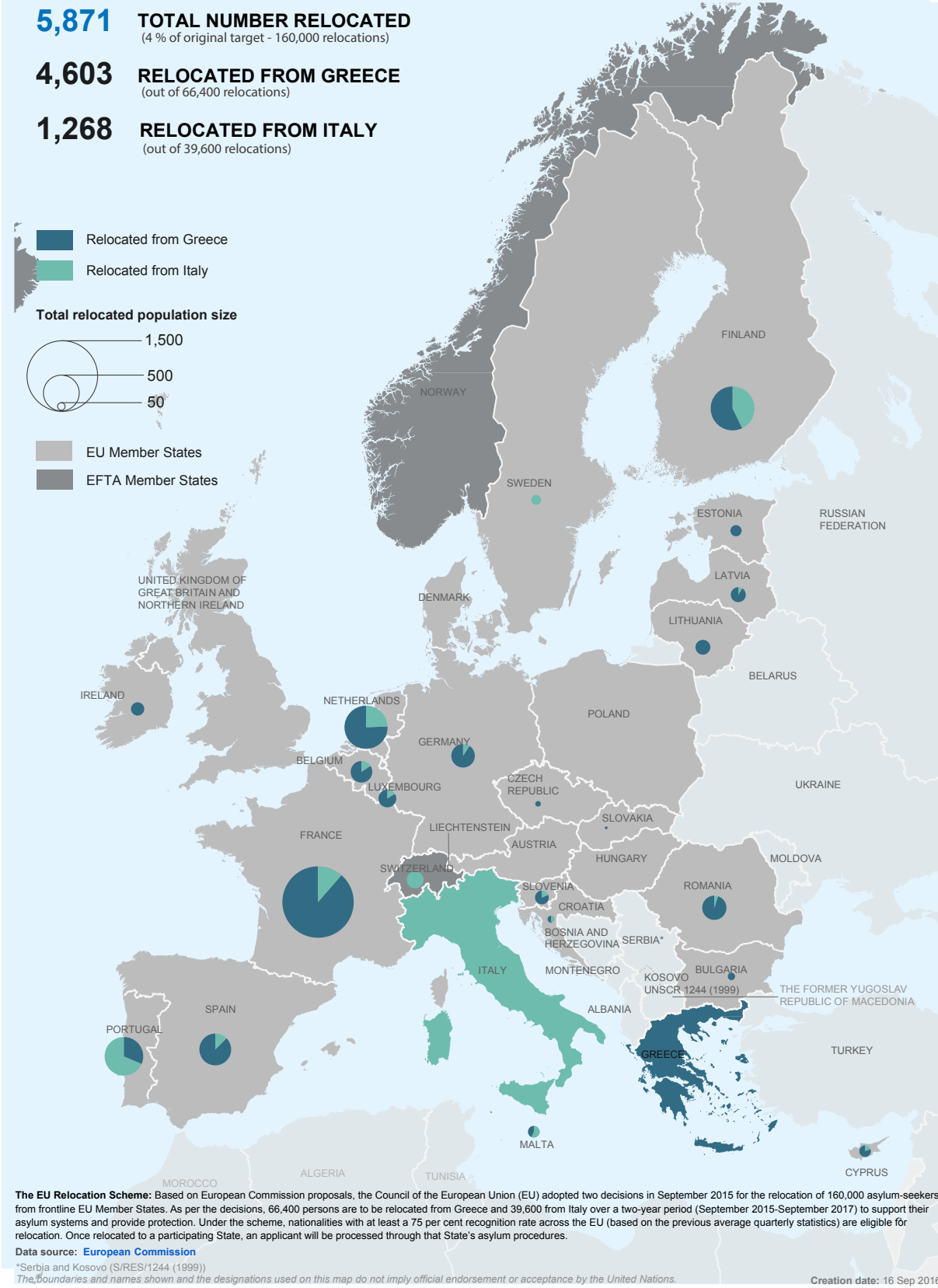
Central Mediterranean Route



Eastern Mediterranean Route



Figures included in the dead and missing file are compiled from a variety of sources, including report from survivors and family members collected by UNHCR staff governments, Coast Guard or Navy vessels, News, Media and Civil Society are also an important source of information. Because of the varying quality and reliability of data, every effort has been made to ensure that all statistical information is verified and figures on dead and missing at sea represent conservative estimates of a number that could possibly be higher than reported.



The EU Relocation Scheme: Based on European Commission proposals, the Council of the European Union (EU) adopted two decisions in September 2015 for the relocation of 160,000 asylum-seekers from frontline EU Member States. As per the decisions, 66,400 persons are to be relocated from Greece and 39,600 from Italy over a two-year period (September 2015-September 2017) to support their asylum systems and provide protection. Under the scheme, nationalities with at least a 75 per cent recognition rate across the EU (based on the previous average quarterly statistics) are eligible for relocation. Once relocated to a participating State, an applicant will be processed through that State's asylum procedures.

Data source: [European Commission](#)

*Serbia and Kosovo (S/RES/1244 (1999))

The boundaries and names shown and the designations used on this map do not imply official endorsement or acceptance by the United Nations.

Creation date: 16 Sep 2016

ILUSTRAÇÃO | GEORGE BUTLER

